

# SENTIDOS DA CORRUPÇÃO ENTRE #ForaDilma E #NãoVaiTerGolpe: FORMAÇÕES DISCURSIVAS E INTERDISCURSIVIDADE EM UM RECORTE NO TWITTER

**Valderí de Castro Alcântara<sup>1</sup>**

**André Luiz de Paiva<sup>2</sup>**

**José Willer do Prado<sup>3</sup>**

**Marco Antonio Villarta-Neder<sup>4</sup>**

## INTRODUÇÃO

A eleição presidencial de 2014 no Brasil foi marcada pela concorrência entre Dilma Rousseff, candidata do Partido dos Trabalhadores (PT), e Aécio Neves, candidato do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Após acirrada disputa em segundo turno, Dilma Rousseff foi reeleita presidente do país (Feres Júnior & Sassara, 2016). Nesse contexto, desde a reeleição emergiram diversas movimentações relacionadas à

---

<sup>1</sup> Doutor em Administração pela Universidade Federal de Lavras. Professor da Universidade do estado de Minas Gerais. <http://lattes.cnpq.br/2870598651094370>. <https://orcid.org/0000-0002-8393-3521>. [valderidecastroalcantara@gmail.com](mailto:valderidecastroalcantara@gmail.com). Endereço para correspondência: Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade de Cláudio. MG-260, 33, Rodovia, Cláudio, MG, Brasil. CEP: 35530000. Telefone: (55 37) 33813926.

<sup>2</sup> Doutorando em Administração pela Universidade Federal de Lavras. Professor do Centro de Ensino Superior de São Gotardo. <http://lattes.cnpq.br/4280120446698929>. <https://orcid.org/0000-0002-7895-730X>. [andrepaiwa2@gmail.com](mailto:andrepaiwa2@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutor em Administração pela Universidade Federal de Lavras. Professor Adjunto na Universidade Federal de Lavras. <http://lattes.cnpq.br/0368409333816349>. <https://orcid.org/0000-0003-3926-2406>. [jwprado@gmail.com](mailto:jwprado@gmail.com).

<sup>4</sup> Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. <http://lattes.cnpq.br/9176879168740586>. 0000-0003-3857-3720. [villartamarco@dch.ufla.br](mailto:villartamarco@dch.ufla.br).

possível abertura de um processo de *impeachment*. Nas redes sociais, com destaque para o *Twitter*, apareceram diferentes enunciados, favoráveis e contrários ao processo. Em decorrência de diversos protestos e manifestações de ordem política e partidária, de processos históricos, de relações de classe, de interesses políticos e financeiros, de antagonismo ao governo do PT e de ampla influência da grande mídia nacional (Souza, 2016; Nobre, 2016; van Dijk, 2017), no dia 31 de agosto de 2016, após votação no Senado, Dilma Rousseff é afastada em definitivo da Presidência da República. Em todos os acontecimentos relacionados a esse evento foi marcante a diversidade de discursos caracterizados por posições simbólico-discursivas conflitantes (Nobre, 2016), o que remete a diferentes formações discursivas.

Nesse contexto, os sentidos sobre a corrupção perpassaram este processo e estiveram presentes nas formações discursivas, figurando em diferentes espaços, entre eles, as redes sociais. Destacamos que a corrupção tem sido veiculada frequentemente pela mídia, com destaque para a escândalos sobre o tema, divulgados em jornais e revistas de grande circulação e acesso no país (Avritzer & Filgueiras, 2011; Azevedo, 2006; Breit, 2011) e foi utilizada como uma estratégia política no processo de *impeachment* da Presidente Dilma Rousseff (Souza, 2016). Na presente investigação nos interessamos pela forma como a corrupção e seus sentidos, para além do aspecto semântico, figuraram nos diversos discursos contrários e favoráveis a esse processo. Reconhecemos que a corrupção representa um fenômeno cujo escopo extrapola o campo político e também se insere no contexto de outras organizações, sendo a compreensão das representações acerca desta questão um tópico relevante para o campo de pesquisas dos estudos organizacionais.

É importante considerar que o próprio pedido de *impeachment* se baseou em narrativas de corrupção política, um discurso ideológico marcado por “limpar” o Brasil da corrupção e em busca da moralização da política. Desse modo, buscamos entender as formações discursivas que marcam este contexto e como os enunciados acerca da

corrupção estiveram presentes interdiscursivamente, entendendo a corrupção na relação entre sentido, formação discursiva e contexto histórico. Haja vista, “o sentido é da ordem das formações discursivas (FD), que, por sua vez, materializam formações ideológicas, que, por sua vez, são da ordem da história” (Possenti, 2007, p. 361).

Dito isso, objetivamos compreender quais formações discursivas foram historicamente e ideologicamente constituídas acerca do processo de *impeachment*/golpe de Dilma Rousseff e como os sentidos da corrupção foram mobilizados interdiscursivamente nessas formações discursivas. Para tanto, utilizamos como *corpus* de análise enunciados coletados na rede social *Twitter* e mobilizamos teórico-metodologicamente contribuições da análise do discurso francesa, especialmente os conceitos de enunciado, formação discursiva e interdiscurso. Nosso período de análise está contido da eleição de Dilma, em outubro de 2014, até seu julgamento e afastamento definitivo, em 31 de agosto de 2016. Utilizamos do rótulo *impeachment*/golpe em decorrência destes serem dois sentidos que foram construídos em torno do processo que culminou no afastamento em definitivo de Dilma Rousseff, mesmo sendo resignificados de formas diferentes nas formações discursivas. Acrescentamos que os enunciados golpe e *impeachment* remetem a outros dois acontecimentos que são o Golpe de 1964 e o *Impeachment* de Fernando Collor – que conforme Sousa e Sousa (2016) são revividos na memória discursiva das diferentes formações discursivas.

No âmbito dos estudos organizacionais os principais avanços deste artigo são:

- a) Trazer o debate sobre corrupção para o âmbito dos estudos organizacionais – pois nesse campo a temática é ainda pouca estudada;
- b) Escapar das análises focadas apenas na dimensão econômica ou cultural da corrupção que prevalece nos estudos da administração pública;
- c) Dar ênfase as contribuições da análise de discurso francesa para estudos discursivos, dado que no Brasil prevalece uma ênfase na análise de discurso crítica

- de Norman Fairclough que não é suficiente para os potenciais analíticos das categorias formação discursiva, interdiscurso e sentidos;
- d) Investigar um acontecimento cujos sentidos foram e ainda são disputados em diferentes formações socio-político-ideológicas;
  - e) Contribuir para desnaturalizar a noção de corrupção como algo natural, universal ou consensual e mostrar os sentidos em disputas.

No que se refere aos estudos organizacionais observamos que seu objeto de estudo vem mudando ao longo do tempo. Segundo Peci (2014, p. 729) “a Administração como campo de conhecimento foi historicamente relacionada com um objeto aparentemente sólido de análise: as organizações, preferencialmente, a grande organização burocrática”. Essa visão era orientada por uma matriz funcionalista. Dessa forma, “[a] crise do discurso administrativo centrado na organização abre espaço para novas concepções do nosso objeto de estudo, de natureza mais processual, focalizando o processo de organizar ou as práticas organizacionais” (Peci, 2014, p. 730). Nesse sentido existe viabilidade em adotar também as redes sociais como potencial fonte para os estudos organizacionais. Em destaque, pelas redes sociais funcionarem como meios de interação, organização e mediação de grupos, organizações e outros coletivos diversos.

Como exemplo do uso da internet e das redes sociais em pesquisas no âmbito dos estudos organizacionais temos as pesquisas de Nascimento, Teixeira, Oliveira e Saraiva (2016) e Medina Salgado (2015). Nascimento *et al.* (2016) analisaram os discursos sobre o fenômeno do “rolezinhos” em Belo Horizonte. Neste artigo, os autores utilizaram da análise de discurso francesa e coletaram como dados para os estudos “discursos presentes nos portais eletrônicos de notícias sobre a cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais, portanto a técnica de coleta de dados utilizada foi a pesquisa documental no ambiente virtual” (Nascimento *et al.*, 2016, p. 64). Essa pesquisa se insere no âmbito do discurso voltado para questões relevantes dos estudos organizacionais.

Medina Salgado (2015) mostra que os computadores afetam os indivíduos, portanto, o seu comportamento. Nesse sentido, podemos inferir que as redes sociais influenciam no comportamento político de diferentes atores sociais. Do ponto de vista crítico, isso pode indicar a sujeição das pessoas a um controle disciplinar (Medina Salgado, 2015), e, do ponto de vista discursivo como os indivíduos são sujeitados por discursos, portanto, pela ideologia (Pêcheux, 1990), como de diferentes sentidos da corrupção.

Finalmente, além desta introdução, este artigo está estruturado em: perspectivas do estudo (seção 2) no qual apresentamos uma discussão da importância das redes sociais, especialmente, do Twitter como objeto de estudo, a perspectiva discursiva adotada, caminhos metodológicos (seção 3), resultados (seção 4), discussão (seção 5) e agenda de pesquisa (seção 6).

## **PERSPECTIVAS DO ESTUDO**

### **Twitter como meio de interação, debate e participação no campo político**

O Twitter, rede social lançada no ano de 2006, caracteriza-se como uma plataforma que provê interatividade entre usuários a partir da publicação e divulgação de enunciados produzidos em mensagens de textos limitadas, até o ano de 2017, a 140 caracteres e, desde então, 280 caracteres (Rosell-Aguilar, 2018). Os textos produzidos nesta rede, denominados *tweets*, podem ser publicados por qualquer usuário, ou envolver interações diretas entre estes, a partir de menções (*mentions*) e compartilhamentos (*retweets*) (Barberá & Rivero, 2015). De modo geral, usuários do *Twitter* interagem em tópicos diversos, muitas vezes mobilizados por *hashtags* (termos que são agregados na rede e podem ser acompanhados/reproduzidos em tempo real, em diferentes contextos). Nessa direção, esta rede, que mobiliza milhões de usuários em todo o mundo, tem estreitado as barreiras e as formas de comunicação na

sociedade contemporânea, especialmente em discussões com orientação política (Ausserhofer & Maireller, 2013; Liu & Weber, 2014).

Paiva, Garcia e Alcântara (2017) mostraram que no contexto dos conflitos políticos no Brasil, o Twitter se mostra como uma importante plataforma para pesquisas sociais. Nesta rede, as pessoas se tornam produtoras, consumidoras e reprodutoras de conteúdo, no entanto, vem sendo marcada por abusos, injúrias e discurso de ódio (Jackson & Valentine, 2014). Haja visto,

A exposição multimídia nessas redes, por meio de imagens, sons, textos e compartilhamentos favorecem a significação do “eu” de cada indivíduo participante, o que pode causar uma série de manifestações, positivas e/ou negativas. O uso de redes sociais na internet vem se tornando cada vez mais frequente em nossa sociedade, uma vez que o compartilhamento de informações, ideias e opiniões nestes espaços virtuais alcançam, em tempo remoto, o maior número de pessoas, além de favorecer relacionamentos com maior interatividade, exercem influência sobre aqueles que as utilizam, caracterizando-se, com isso, como veículo de sociabilização e expressão (Santos & Couto, 2018, p. 439).

Por isso, Castells (2013) passou a estudar movimentos sociais em rede (internet) em que há uma difusão muito rápida de imagens e textos. As redes de internet “[...] transcendem o tempo e o espaço, mas produzem conteúdo, estabelecem vínculos e conectam práticas” (Castells, 2013, p. 173).

A compreensão desses novos formatos de convivência social, no espaço virtual, faz-nos refletir sobre quais influências eles exercem sobre um indivíduo no que diz respeito às suas relações. Mas também como essas influências reforçariam suas capacidades de atuação, dando ênfase, assim, aos fenômenos que surgem dessas relações, tais como os movimentos sociais em rede (Santos & Couto, 2018, p. 445).

Considerando que a *internet* e as redes sociais são marcadas pela produção de textos, entende-se que estes são espaços propícios para disputas discursivas, nas quais os atores sociais utilizam “textos como armas” (Barros, 2014, p. 1212) para moldar e transformar a realidade social (Hardy & Phillips, 1999; Barros, 2014). Especialmente no contexto das redes sociais, as disputas discursivas têm assumido diferentes características, sobretudo pelo fato que os discursos produzidos não são controlados apenas por produtores de conteúdo tradicionais, mas dividem espaço com usuários que (re)produzem uma diversidade de textos, muitas vezes procurando legitimar narrativas contra hegemônicas (Barros, 2014).

Referente a isso, o *Twitter* é lembrado pela sua participação em casos de mobilizações recentes. Segundo Casal (2015), por meio das *hashtags* #IranElection e #Iranvota a sociedade iraniana denunciou fraudes nos resultados das eleições presidenciais, o que desencadeou uma série de manifestações posteriores. Maireder e Schlögl (2014) destacam o uso da *hashtag* #aufschrei (clamor), na Alemanha, para denunciar abuso sexual. No Brasil o *Twitter* foi um ator importante nas denominadas Manifestações de Junho de 2013, bem como nas manifestações pró e contra *impeachment*. Recentemente o *Twitter* foi utilizado também em mobilizações voltadas à violência e ao abuso sexual contra mulheres.

Liu e Weber (2014) destacam que essa rede é utilizada para discutir questões relevantes, uma vez que a plataforma permite um espaço interativo *online*. Entretanto, segundo os autores, é necessário ressaltar que os usuários da rede tendem a receber o conteúdo de forma seletiva, podendo ser influenciados por elementos diversos, tais como os discursos produzidos pela *mass media*, que também possui presença e atuação no *Twitter*. Ou seja, entendemos que o *Twitter* é um espaço de produção e reprodução de discursos tanto democráticos como não democráticos, por meio dos quais os usuários podem travar disputas discursivas voltadas à legitimação ou contestação de posições hegemônicas.

No caso do Brasil e no contexto de redes sociais, Santos e Couto (2018) estudando páginas no Facebook concluíram que elas contribuíram para a organização de grupos sociais. Portanto, plataformas como as redes sociais são mediadoras de processos organizativos que interessam aos estudos organizacionais. Assim, este estudo utiliza o Twitter por ser um importante meio de interação, debate e participação no campo político. Nele existe uma ampla rede de discursos que podem ser objeto de estudo para pesquisas no campo dos estudos organizacionais.

### **Análise de Discurso de linha Francesa e a questão dos sentidos**

Existe uma diversidade de correntes da análise do discurso que recorrem a autores como Mikhail Bakhtin, Michel Pêcheux, Michel Foucault, Ernesto Laclau, Norman Fairclough e outros. Contudo, apesar das diferenças marcantes nas diversas abordagens, a análise do discurso “[...] deve considerar que a linguagem não é uma forma neutra de expressão, mas uma forma carregada de sentidos, de história, de ideologia, de sentimentos não manifestos, de inconsciente” (Faria, 2015, p. 58). Neste artigo optamos pela visão da análise do discurso francesa que se constitui a partir dos trabalhos do filósofo francês Michel Pêcheux, em decorrência da relevância dos conceitos de sentido, enunciado, formações discursivas e interdiscurso.

A análise do discurso de linha francesa surge dos debates que relacionam linguagem, ideologia e inconsciente (Pêcheux, 1990). Nessa direção, Michel Pêcheux articula sua análise em torno das discussões do materialismo histórico, da linguística e a teoria do discurso (Pêcheux & Fuchs, 1997). De modo geral, na análise do discurso francesa três pressupostos são fundamentais para o desenvolvimento das pesquisas:

[...] a) não há sentido sem interpretação; b) a interpretação está presente em dois níveis: o de quem fala e o de quem analisa, e c) a finalidade do analista de discurso não é interpretar [decodificar] mas compreender como um texto funciona, ou seja, como um texto produz sentidos. É preciso lembrar que



nesta filiação teórica não há sentido em si, o sentido sendo definido como “relação a” [...] (Orlandi, 2001, p. 19).

A questão fundamental disso é que o sentido não é algo fixo: ele é construído de forma relacional (Orlandi, 2001). Além disso, não há discurso e linguagem que se constrói isenta e purificada do contexto/conjuntura e das ideologias (Orlandi, 2001; Pêcheux & Fuchs, 1997).

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc. não existe em si mesmo (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas é determinado pelas posições ideológicas postas em jogo no processo social-histórico em que as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (Orlandi, 1996, p. 108).

Os processos de produção do discurso implicam alguns momentos, a saber: (i) “sua constituição a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo”; (ii) “sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas” e (iii) “sua circulação que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições” (Orlandi, 2001, p. 9). Especificamente, os itens (i) e (ii) são respectivamente interdiscurso e intradiscurso. Essas questões direcionam o entendimento desta pesquisa, que tem como enfoque os sentidos mobilizados acerca da corrupção em diferentes formações discursivas, bem como o estudo da interdiscursividade que os constitui. Portanto, partimos da ideia de que os sentidos do enunciado corrupção não estão prontos e não são fixos, sendo definidos sempre “em relação a”, nos termos de Orlandi (2001).

Pêcheux (2009), em *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento* mostra que todo enunciado “está sujeito ao equívoco, à possibilidade de o sentido ser outro. [...] que acaba por sobredeterminar o acontecimento, reconfigurá-lo” (Silva, 2009, p. 47). E, portanto, “como os objetos e acontecimentos são constituídos nas construções

discursivas e estas admitem o deslocamento de sentidos, podem haver distintas formas de apreender o mesmo objeto ou acontecimento” (Silva, 2009, p. 52). Nesse caso, abre-se a possibilidade de diferentes interpretações para, por exemplo, o processo de *impeachment*/golpe de Dilma Rousseff e a forma como o enunciado corrupção figurou nesse contexto e como as formações discursivas se confrontaram e se tornaram visíveis (Pêcheux, 1990).

### **Enunciado e formações discursivas**

A noção de formação discursiva é relevante para enfatizar que o contexto de onde se fala é constitutivo do discurso. Isto é, o contexto “[...] é a situação histórico-social onde se encontra a fala e o texto, é a formação social que o contém, envolvendo os sujeitos da ação, outros textos e outras falas produzidos no entorno desta formação social e que com ela se relacionam” (Faria, 2015, p. 69). Assim, não há produção discursiva sem história, sem memória, sem silêncios e sem ideologias. Conforme Pêcheux (1990, p. 56) “todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ele constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho [...] de deslocamento no seu espaço [...]”. Por isso é importante considerar diversos elementos como:

[...] (i) seu lugar nas relações sociais de produção das condições materiais de existência, (ii) o contexto histórico-social (formação social) em que se expressa, (iii) as condições (políticas, culturais, ideológicas e simbólicas) em que se manifesta e suas práticas de produção; (iv) a visão de mundo necessariamente vinculada à dos sujeitos da fala e à sociedade específica em que vivem (Faria, 2015, p. 69).

Segundo Courtine e Marandin (1981, p. 5) uma formação discursiva é “o que pode e deve ser dito por um sujeito”. Desse modo, na visão de Pêcheux “[...] toda formação discursiva é associada a uma memória discursiva e se constrói a partir de formulações

que repetem, recusam e transformam outras formulações” (Dominguez, 2013, p. 13). A partir de Pêcheux (2009), os discursos possuem dimensões ideológicas que sujeitam os indivíduos. Por isso, é preciso notar que o sentido não está no texto, mas se constrói nas relações com as formações discursivas.

Pêcheux busca em Althusser a ideia de que as pessoas pensam que utilizam os discursos, mas, no entanto, são seus suportes (Mussalim, 2001). Notadamente, isso alinhado à ideia de formação discursiva indica que é preciso superar a noção de que o sujeito é a origem do discurso (ele se esquece e acredita que sim). A ideologia encontra dessa forma presente: “A ideologia se caracteriza assim pela fixação de um conteúdo, pela impressão do sentido literal, pelo apagamento da materialidade da linguagem e da história, pela estruturação ideológica da subjetividade” (Orlandi, 2001, p. 22).

Pêcheux (2009) constatou que “[...] os confrontos discursivos sobre o mesmo acontecimento causam uma movimentação de sentidos, que acaba redeterminando esse acontecimento, por mais lógico e inquestionável que possa ser considerado” (Silva, 2009, p. 50). Nisso, é preciso considerar que as formações são heterogêneas e que para Courtine e Marandin (1981, p. 5), ao reconhecer uma formação discursiva heterogênea tem-se que: “[...] a delimitação de uma FD [formação discursiva] é fundamentalmente instável, ela não consiste num limite traçado de uma vez por todas, separando um interior e um exterior, mas se inscreve em diversas FD como uma fronteira que se desloca em função da luta ideológica em jogo”.

Por isso, indicamos que a noção de formação discursiva se relaciona com a de interdiscurso, já que: “[...] as Formações Discursivas são regiões diferentes que recortam o interdiscurso e que refletem posições ideológicas, [...] E como os sujeitos enunciam de uma Formação Discursiva ou de outra, o sentido de suas palavras dependerá da posição de onde falam” (Pontes, Neder & Guimarães, 2007, p. 2).

## O interdiscurso

A partir de diversas denominações e perspectivas teóricas, a questão do interdiscurso é central. Isso fica claro quando Orlandi (2001) indica que a constituição de um discurso se dá também por meio da 'memória do dizer' – o interdiscurso. Logo, a memória discursiva é também elemento fundamental já que é: "o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do preconstruído, o já dito que está na base do dizível" (Orlandi, 2001, p. 31). A interpretação do sujeito não parte do vazio, mas, sim, "[...] vem carregado de uma memória (uma filiação nas redes de sentidos – o interdiscurso) que, entretanto, aparece negada como se o sentido surgisse lá" (Orlandi, 2001, p. 28).

O interdiscurso se refere ao uso do discurso do outro (de outra formação discursiva), que, no entanto, não pode ser entendido como simplesmente uma apropriação, já que na análise do discurso a noção de interdiscursividade é constitutiva das formações discursivas. Portanto, "o interdiscurso pode assim ser tomado como o que regula o deslocamento das fronteiras de uma formação discursiva" (Courtine & Marandin, 1981, p. 6), ou conforme apresenta Courtine (2016, p. 23, grifos no original): "o interdiscurso de uma FD [formação discursiva], como instância de formação/repetição/transformação dos elementos do saber daquela FD, pode ser referido como *aquele que rege o deslocamento de suas fronteiras*". Feito isso, Courtine (2016, p. 23) relaciona essas questões com o conceito de enunciado da seguinte forma: "Chamamos enunciado ([E]) os elementos do saber próprios a uma FD. Nós concebemos o enunciado como uma forma, ou um esquema geral, que governa a 'repetibilidade' no seio de uma rede de formulações". Segundo Courtine (2016, p. 23):

Uma rede de formulações consiste em um conjunto estratificado ou desnivelado de formulações, que constituem a mesma quantidade de reformulações possíveis de [E]. O que chamamos de estratificação ou desnivelamento de formulações refere-se à dimensão vertical (ou

interdiscursiva) de um [E] como rede de formulações. É nestas redes que se estabiliza a referência dos elementos do saber: os objetos do discurso são formados ali como pré-construídos, os [E] os articulam.

O conceito de interdiscurso reconhece a heterogeneidade da linguagem, a presença de diferentes vozes e que o discurso é dialógico. E, desse modo, a interdiscursividade diz respeito, simplificada, à noção que algo que já foi dito antes e em outro lugar é dito novamente (Mazzola & Gregolin, 2013; Pêcheux, 2009). Tais discussões são importantes na análise do discurso já que:

*[...] um discurso não apresenta, na sua materialidade textual, uma unidade orgânica em um só nível que se poderia colocar em evidência a partir do próprio discurso, mas que toda forma discursiva particular remete necessariamente a série de formas possíveis, e que essas remissões da superfície de cada discurso às superfícies possíveis que lhe são (em parte) justapostas na operação de análise, constituem justamente os sintomas pertinentes do processo de produção dominante que rege o discurso submetido a análise (Pêcheux & Fuchs, 1997, pp. 104-105, grifo no original).*

Com isso, a partir de uma perspectiva discursiva, apresentaremos na próxima seção o caminho metodológico que nos orientou na realização desta pesquisa.

## **CAMINHOS METODOLÓGICOS**

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, descritiva e compreensiva. Essa classificação destaca que é preciso compreender “[...] os processos de significação que trabalham o texto; compreender como o texto produz sentidos através de seus mecanismos de funcionamento” (Orlandi, 2001, p. 27). Além disso, utilizamos da perspectiva teórica e metodológica da análise do discurso francesa, a partir dos conceitos de sentido, enunciado, formação discursiva e interdiscurso.

A partir das noções teóricas apresentadas delimitamos como *corpus* de análise enunciados (re)produzidos na rede social *Twitter* – seguindo indicações de pesquisas a partir dessa rede social estabelecidas por Paiva, Garcia e Alcântara (2017). Para além da análise textual, realizamos uma ampla investigação do contexto no qual a problematização da pesquisa se insere. Isso se fez importante devido às relações entre as práticas sociais, incluindo as práticas de linguagem e as conjunturas (Orlandi, 2001). Considerando isso investigamos o contexto que demarca todo o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, principalmente o período de outubro de 2014, quando a ex-Presidente foi reeleita, até agosto de 2016, data de seu afastamento da presidência em caráter definitivo por votação no Senado. Essa delimitação é apenas metodológica já que, como lembra Possenti (2016, p. 1076), é “[...] praticamente impossível demarcar com exatidão o início de um processo histórico”.

Usando dessa delimitação identificamos um conjunto de acontecimentos centrais que seriam utilizados para a delimitação do *corpus* de estudo. O *corpus* foi constituído a partir de enunciados, no nosso caso *tweets*, que remetessem a práticas de corrupção e fossem relacionados ao processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, considerando formações discursivas distintas (favoráveis e contra o processo). O *tweet* é a enunciação produzida pelos usuários da rede social *Twitter*, sendo caracterizado como um texto com um número limitado de caracteres (Paiva, Garcia & Alcântara, 2017).

Após a delimitação dos principais acontecimentos (Quadro 1) que constituíram o processo investigado, identificamos duas formações discursivas que, apesar de serem plurais e, por vezes, contraditórias representavam posições políticas e ideológicas antagônicas: uma favorável ao processo, a qual denominamos, seguindo o formato usual na rede social *Twitter*, de “#ForaDilma” e a outra, contrária, denominada “#NãoVaiTerGolpe”. Destacamos que as formações discursivas não se constituem apenas por suas expressões nas redes sociais, na verdade, são formações sociais, políticas, econômicas, culturais e ideológicas que se constituem historicamente. Nessa

pesquisa, enfatizamos que por meio do *Twitter* é possível acessar discursos dessas formações, sem reduzi-las a isso.

**Quadro 1 – Principais *hashtags* que demarcaram as formações discursivas**

Acontecimento (data) e dia seguinte	Descrição do acontecimento	Principais <i>hashtags</i> (#)
Eleição de Dilma (26/10/2014 e 27/10/2014)	Dilma é reeleita. Logo após o resultado, grupos de oposição iniciam protestos enunciando o <i>impeachment</i> .	#Aecio45; #ForaDilma #SomosTodosDilma; #Dilma13
Manifestações Populares (15/03/2015 e 16/03/2015)	Manifestações acontecem em todo o país, a maioria delas em oposição ao governo Dilma, pedindo o <i>impeachment</i> .	#ForaDilma #MenosOdioMaisDemocracia; #FicaDilma
Aceitação do pedido de <i>impeachment</i> (02/12/2015 e 03/12/2015)	Presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PP/RJ), aceita pedido de <i>impeachment</i> .	#ForaDilma #NãoVaiTerGolpe
Manifestações Pró e Contra (16/03/2016 e 17/03/2016)	Manifestações a favor e contra o processo acontecem em todo o território nacional.	#VemPraRua; #ForaDilma; #LulaNaCadeia #NãoVaiTerGolpe
Admissão do processo na Câmara (17/04/2016 e 18/04/2016)	Votação na Câmara dos Deputados aprova, por 367 votos a favor, admissão de processo de <i>impeachment</i> .	#ImpeachmentDay; #ForaDilma #ImpeachmentDay; #RespeiteAsUrnas; #NãoVaiTerGolpe
Afastamento (Senado) (12/05/2016 e 13/05/2016)	Senadores aprovam instauração do processo, por 55 votos a favor a 22 contra, e Dilma é afastada.	#TchauQueridaDay; #TchauDilma; #ForaDilma #NãoVaiTerGolpe; #LutoPelaDemocracia
Julgamento e cassação (Senado) (31/08/2016 e 01/09/2016)	Após 180 dias, senadores decidem afastar em definitivo Dilma, por 61 votos favoráveis e 20 contrários.	#TchauQueridaDay; #TchauDilma; #ForaDilma #NãoVaiTerGolpe; #VaiTerLuta

**Fonte:** Elaborado pelos autores com base no site *Hashtagify*.

Procuramos encontrar os *tweets* a partir dessas formações discursivas, de modo que procedemos uma pesquisa das principais *hashtags* utilizadas no *Twitter* durante os acontecimentos em questão (Quadro 1). A busca pelas expressões foi orientada pela plataforma *online Hashtagify.me*, ressaltando que foram selecionadas apenas aquelas *hashtags* com maior repercussão na data do acontecimento e que julgamos por representarem uma variedade maior de posições. A data de coleta dos dados foi o dia do acontecimento e seu dia seguinte, dada a repercussão na rede social.

Dessa forma, procedemos à coleta do *corpus* por meio da ferramenta de busca avançada oferecida pelo *Twitter*. Nesta etapa, foram coletados *tweets* de usuários da rede que, no período referente a cada evento identificado, continham o enunciado corrupção mais uma das *hashtags* selecionadas para representar as formações discursivas (Quadro 1). Ao fim da busca, os *tweets* foram organizados em um *software* editor de textos para que pudéssemos proceder a análise discursiva do *corpus*. Este conjunto de enunciados foi analisado mediante a consideração de aspectos teóricos tais como: sentido, enunciado, formação discursiva e interdiscurso.

### **CONJUNTURA: O BRASIL FRENTE AO *IMPEACHMENTE* AO GOLPE**

Logo após a divulgação dos resultados das eleições de 2014, enquanto eleitores de Dilma Rousseff comemoravam a vitória, grupos de manifestantes em oposição à presidente e ao governo do Partido dos Trabalhadores (PT) iniciaram protestos em favor à abertura do processo de *impeachment* de Dilma (Uribe, Limade & Lima, 2014). Nesse contexto, destacamos alguns atores da grande mídia (como exemplo da Revista Veja), e, em geral, afiliados à posição discursiva #ForaDilma que logo se manifestaram em favor ao impedimento da presidente. Esses atores alegavam, sobretudo, o envolvimento de Dilma em escândalos de corrupção.

Ressaltamos que durante os meses de setembro, outubro e novembro de 2014 aconteceram as primeiras denúncias e acordos de delação premiada envolvendo políticos da base do governo e diretores de grandes empresas na Operação Lava-Jato da Polícia Federal. Desse modo, durante esse período o tema da corrupção foi amplamente divulgado pela grande mídia (Paiva, Garcia & Alcântara, 2017). Além disso, fazem parte do contexto de início do segundo Governo Dilma algumas mudanças de natureza política tais como o rompimento com o modelo de megacoalíções interpartidárias, marcante no Governo Lula (Nobre, 2016).



Compondo o contexto de construção das formações discursivas, alguns acontecimentos foram centrais entre os anos de 2015 e 2016. Logo no início do segundo mandato de Dilma, ocorreram as **manifestações de março de 2015**, que representaram a constituição do **movimento #ForaDilma** e também o de resistência: **#NãoVaiTerGolpe**. As manifestações do #ForaDilma foram formadas a partir das mobilizações iniciadas em decorrência da eleição da presidente em 2014, de movimentos da sociedade civil, de partidos políticos e atores do setor privado que passaram a organizar protestos em oposição ao governo. A principal manifestação foi realizada no dia 15 de março de 2015, na qual foram reunidos mais de 2 milhões de pessoas, em 160 cidades (G1, 2015).

Em São Paulo, o movimento foi organizado principalmente por meio de mobilizações em redes sociais, a partir de grupos como o Movimento Brasil Livre (MBL), organizações de classe como a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) e partidos políticos de oposição ao governo, especialmente PSDB e Solidariedade (El País, 2015a). Dentre as reivindicações dos grupos, destacavam-se a indignação frente às denúncias e investigações de corrupção do governo federal e os pedidos de *impeachment* de Dilma Rousseff (G1, 2015).

No entanto, estas manifestações também foram marcadas por uma grande pluralidade de sentidos e pautas que variavam desde a reivindicação de uma reforma política no país até pedidos de intervenção militar no governo (El País, 2015a). Após as manifestações do dia 15/03/2015, foram organizadas, alguns meses depois, manifestações em apoio à presidente Dilma contando, principalmente, com a presença de movimentos sociais alinhados ao Governo tais como o Movimento Sem Terra (MST), União Nacional dos Estudantes (UNE) e Central Única dos Trabalhadores (CUT) (El País, 2015b).

A constituição do movimento #ForaDilma durante todo o ano de 2015 contribuiu para a formulação de diferentes denúncias e pedidos formais de *impeachment* protocolados na Câmara dos Deputados, em Brasília. No dia **02 de dezembro de 2015**, o então presidente da Câmara dos Deputados, o Deputado Eduardo Cunha (PMDB), acolhe um pedido elaborado por juristas e lideranças políticas de oposição ao governo deflagrando, então, o processo de investigações que poderiam levar ao impedimento de Dilma Rousseff. Dentre as diferentes justificativas aceitas pelo presidente da Câmara neste pedido, destacam-se as denúncias de crimes de irresponsabilidade fiscal, referidos pela grande mídia como “pedaladas fiscais” (Gadelha, Cardoso, Sorg, & Carvalho, 2015).

Cabe ressaltar que Eduardo Cunha, nesse momento, havia rompido com o Governo, sobretudo por divergências com Dilma. Segundo Melo (2016) o julgamento de *impeachment* foi produto do conflito entre Dilma Rousseff e Eduardo Cunha. Cunha ao se tornar presidente da Câmara se opôs a Dilma, exercendo sua vasta influência política e fazendo avançar sua agenda conservadora (Melo, 2016; Limongi, 2017).

Após este acontecimento diversas manifestações pró e contra o *impeachment* ganharam força novamente, revelando ainda mais as posições antagônicas que se materializavam no *Twitter*. Tal como em março de 2015, no dia **15/03/2016, novas manifestações foram organizadas**, especialmente nas grandes cidades do país, protestando principalmente contra o governo Dilma e pedindo a sequência do processo de *impeachment* (El País, 2016). Destacamos que, se em março de 2015 havia uma grande pluralidade de sentidos nos protestos alinhados à formação discursiva #ForaDilma, em 2016 as manifestações estiveram mais direcionadas ao apoio do processo de impedimento em andamento. Por outro lado, no dia 18 de março de 2016, aconteceram manifestações em apoio ao governo Dilma, organizadas pelos grupos sociais alinhados à formação discursiva #NãoVaiTerGolpe. Ribeiro, Chalon, Almeida e Orrellado (2016) destacam que nesse momento houveram polarizações até mesmo dos

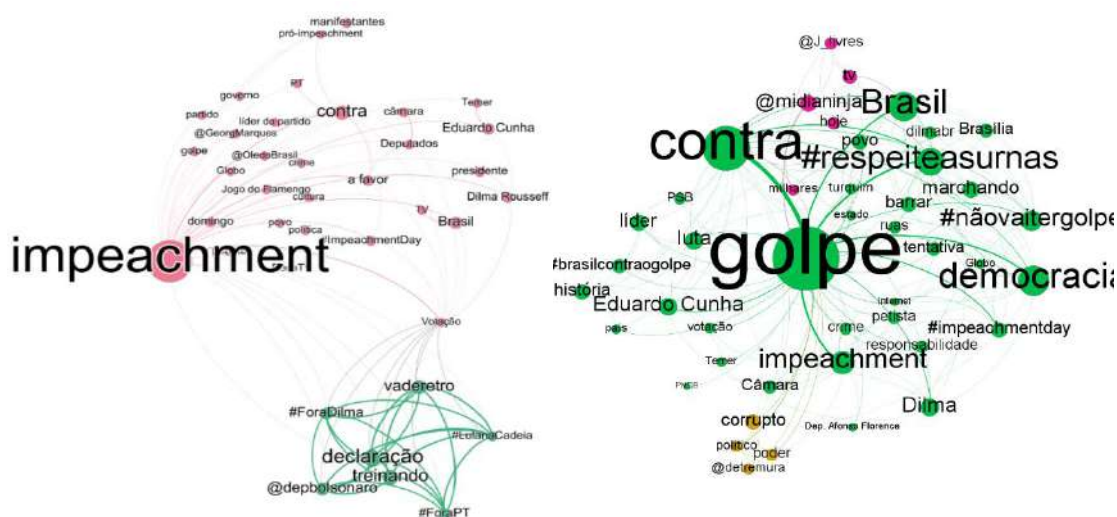
meios de comunicação que os manifestantes achavam mais relevantes a depender de sua posição. Assim, aqueles favoráveis ao *impeachment* preferiam: “Veja”, “Estadão”, “Folha de São Paulo” e “Isto é”. Por sua vez, aqueles contrários ao processo preferiam os portais “G1”, “Uol”, “R7” e “BBC” e “CartaCapital”.

Adiante, após a definição dos procedimentos necessários para o julgamento do pedido de *impeachment* de Dilma, iniciaram-se uma série de argumentações que se posicionavam a favor e contra o processo. Essas argumentações levaram à votação pública por parte dos deputados federais do país quanto à **admissão do processo, no dia 16 de abril de 2016**. Nessa votação, seria necessário que dois terços dos deputados presentes votassem a favor da admissão para que o mesmo prosseguisse para investigação e julgamento no Senado. Dessa forma, por 367 votos a favor, frente a 137 contra, 7 abstenções e 2 ausências, o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff foi admitido, sendo então direcionado para apreciação dos senadores (G1, 2016).

Cabe considerar que na votação, a questão da corrupção apareceu em vários momentos, seja pelos que votaram pelo *impeachment*: “pelo fim da corrupção”, “para combater a corrupção, para que possamos olhar para a frente, para um Brasil diferente e separar o que é legal do que é ilegal”, dentre outros tantos. Àqueles que votaram contra a abertura do processo também enunciaram a questão da corrupção “Contra a conspiração e a corrupção representadas por Eduardo Cunha e Temer; contra o golpe; em defesa da democracia”, “querem abafar o combate à corrupção, contra os golpistas” “contra a corrupção, que está sentada na Presidência desta sessão; contra o golpe e a traição”, entre outros. Estes últimos relacionaram a corrupção com o sentido do processo ser na verdade um golpe. Dessa forma, a palavra “corrupção” construiu sentidos diferentes nas ações políticas opostas. Por um lado, o *impeachment* era representado como uma forma de lutar contra a corrupção (àquela do PT e do Governo Dilma). Por outro lado, corrupção era o processo em si, um golpe, que era organizado por corruptos, tendo em vista perpetuar mais corrupção. Fica claro, pois, que a palavra

não carrega o sentido em si mesma, mas, os sentidos são construídos nas diferentes formações discursivas, históricas e ideológicas (Pêcheux, 1990). Portanto, é importante a partir de um ponto de vista crítico compreender a corrupção sempre considerando a questão “em relação a” (Orlandi, 2001).

A partir de dados de 17 abril de 2016, Rodeghiero e Schinestsck (2016) mostraram pela análise das disputas envolvendo *hashtags* e *tweets* posições antagônicas (Figura 1) marcadas principalmente pelos enunciados *impeachment* e *golpe*.



**Figura 1 – Co-ocorrência de palavras relacionadas a “impeachment” e “golpe” em 17/04 de 2016**

Fonte: Rodeghiero e Schinestsck (2016).

É possível identificar que, apesar de certas refrações cujos sentidos não estavam necessariamente ligados às formações discursivas, elas estavam bem delineadas, e, o enunciado “*impeachment*” foi reproduzido interdiscursivamente junto a enunciados tais como #ForaDilma, #LulaNaCadeia e #ForaPT. Por sua vez, o enunciado “*golpe*” esteve relacionado a posições discursivas contrárias ao processo (“*contra*”, *luta*, #*respeiteasurnas*, #*naovaitergolpe* e outros). Esses resultados estão de acordo com sentidos e relações interdiscursivas presentes nas manifestações populares pelas ruas do país, conforme Silva e Silva (2016) evidenciam.

A relação entre as duas formações (#ForaDilma e #NãoVaiTerGolpe) também se faz presente no contexto de outras *hashtags* utilizadas durante a constituição do processo de *impeachment*/golpe de Dilma Rousseff. A Figura 2 apresenta uma síntese das principais *hashtags* que foram utilizadas durante os acontecimentos do processo por nós analisado, bem como suas afiliações discursivas. Observamos uma das características dos antagonismos presente nas formações discursivas é a constituição a partir do “outro”. Isso fica claro em todas as nomeações que constroem a formação #ForaDilma como se observa em “Fora Dilma”, “Fora PT”, “Tchau Dilma” e “Lula na cadeia” – uma constituição a partir da nomeação e personificação do “inimigo”. Outra questão relevante é que a formação discursiva #ForaDilma ressignificou diversas expressões a partir da sua orientação como #OGiganteAcordou, #VemPraRua e #VerásQueUmFilhoTeuNãoFogeÀLuta que se tornaram conhecidos principalmente nas Manifestações de Junho de 2013 (Tatagiba, Teixeira, & Trindade, 2015; Paiva, Garcia & Alcântara, 2017).

Acontecimento (e um dia após)	Formação #ForaDilma	Formação #NãoVaiTerGolpe
Eleição de Dilma (26/10/2014 e 27/10/2014)	#Aecio45PeloBrasil; #ForaDilma; #MudaBrasil; #Aecio45; #ForaPT; #PTNuncaMais	#SomosTodosDilma; #13DilmaConfirma; #Dilma13; #DilmaNovamente
Manifestações Populares (15/03/2015 e 16/03/2015)	#ForaPT; #ForaDilma; #TchauDilma; #ForaLula; #TchauPT; #TchauQuerida; #ImpeachmentDilma; #VemPraRua;	#MenosOdioMaisDemocracia; #DilmaFica; #AceitaDilmaVez; #FicaDilma
Aceitação do pedido de <i>impeachment</i> (02/12/2015 e 03/12/2015)	#VerásQueUmFilhoTeuNãoFogeÀLuta; #MudaBrasil; #OGiganteAcordou; #VemPraRua; #ForaDilma; #ForaPT; #TchauQuerida	#NãoVaiTerGolpe; #VemPraDemocracia; #GolpeNão; #DilmaFica; #VaiTerLuta; #RespeiteAsUrnas
Manifestações pró e contra (16/03/2016 e 17/03/2016)	#VemPraRua; #ForaDilma; #ForaPT #Impeachment; #MudaBrasil; #LulaNaCadeia; #VemPraRuaBrasil	#MarchaDasCoxinhas; #NãoVaiTerGolpe; #MarchadosCorruptos; #DilmaFica
Admissão do processo na Câmara (17/04/2016 e 18/04/2016)	#ImpeachmentDay; #ForaDilma; #ForaPT; #Impeachmentá; #TchauQuerida	#NãoVaiTerGolpe; #RespeiteAsUrnas; #BrasilContraOGolpe;
Afastamento no Senado (12/05/2016 e 13/05/2016)	#TchauQueridaDay; #TchauDilma; #AntesTardeDoQueNunca; #ForaPT; #ForaDilma	#NãoVaiTerGolpe; #DilmaFica; #LutoPelaDemocracia; #FicaQuerida; #ForaTemer

**Figura 2 – Principais *hashtags* e suas afiliações discursivas durante os acontecimentos que marcam o processo de *impeachment*/golpe de Dilma Rousseff**

Fonte: Elaborado pelos autores.

Por sua vez, nos processos de resistência, a formação discursiva #NãoVaiTerGolpe utilizou de expressões que denunciavam o *impeachment* como sendo um golpe e que não respeitava os princípios da democracia: “menos ódio e mais democracia”, “não vai ter golpe”, “vem pra democracia”, “respeite as urnas” e “luto pela democracia”. A formação #NãoVaiTerGolpe também denunciava a outra como formada por corruptos (construindo sentidos para a corrupção) como em #MarchadosCorruptos em referência a manifestações contra o Governo Dilma. Finalmente, após o afastamento de Dilma, a formação #NãoVaiTerGolpe passou a utilizar a palavra “fora” agora recontextualizada em #ForaTemer. O mesmo ocorreu com “querida” de #TchauQuerida que foi utilizada depois na posição contrária em #FicaQuerida.

Seguindo as demarcações temporais deste artigo, em 12 de maio de 2016 – momento em que as formações discursivas já estavam bastante delineadas – ocorreu a **votação pelo Afastamento de Dilma Rousseff pelo Senado**. Houve a votação pública para decidir sobre a abertura do processo e subsequente afastamento da presidente Dilma Rousseff para que prosseguissem as investigações dos supostos crimes de responsabilidade fiscal cometidos pelo Governo. Tal votação foi realizada no dia 12 de maio, de modo que dos 78 senadores presentes na sessão, 55 votaram a favor, ao passo que 22 votaram contra (Uol, 2016). Dessa forma, Dilma Rousseff foi afastada da presidência da república pelo prazo de 180 dias, de modo que o vice-presidente, Michel Temer (PMDB), assumiu a posição de presidente interino do Brasil. Após isso, muitos movimentos e debates nas ruas e redes sociais se seguiram, destacando que novos enunciados passaram a figurar nas formações discursivas.

Por fim, após os 180 dias de afastamento, em meio a investigações e exposições de diferentes narrativas a favor e contra o processo, **os senadores votaram a favor do *impeachment*, em caráter definitivo, no dia 31 de agosto de 2016**. Foram 61 votos a favor do *impeachment* e 20 contra, ressaltando que após outra votação Dilma conseguiu manter seus direitos políticos (Uribe, Limade & Lima, 2014). No *Twitter*, após

estes eventos, ficou marcante a polarização entre as *hashtags* #TchauQuerida e #AntesTardeDoQueNunca favoráveis ao *impeachment*, e #VaiTerLuta, #LutoPelaDemocracia e #ForaTemer contrários ao processo.

### **As formações discursivas: discursos em disputas**

Considerando a conjuntura que estamos interessados em analisar, identificamos duas principais formações discursivas antagônicas que marcam o debate em torno da situação política brasileira. A primeira formação é constituída essencialmente pelo discurso em oposição ao governo Dilma Rousseff, estendendo-se para o governo Lula e ao próprio ex-presidente Lula. Por sua vez, a segunda formação discursiva trata-se do discurso contra o processo de *impeachment* (significado como golpe) e, ainda que não seja de forma unânime, em defesa do governo Dilma. Esse nosso entendimento também se baseia a partir dos textos de Ribeiro *et al.* (2016) e Silva e Silva (2016) que por meio de análise dos veículos de mídia, comentaristas, políticos, movimentos e partidos políticos relacionados com manifestantes de atos pró e contra o *impeachment*, destacam que as manifestações, sobretudo nas redes sociais, geraram um efeito de polarização em que um ator não consegue se comunicar com os dois polos em disputa. Nesse contexto, conforme Koerner e Schilling (2015, p. 75), “[...] o tema da corrupção vem sendo usado como arma nas disputas políticas”. Ressaltamos, contudo, que as formações discursivas são históricas (envolvem questões sociais, econômicas, políticas, culturais, entre outras) e, portanto, não se resumem às redes sociais, apesar destes espaços serem importantes na elucidação destas formações.

A formação discursiva **#ForaDilma** representa um discurso de oposição aos governos Lula, Dilma e ao Partido dos Trabalhadores (PT). Após as eleições de 2014, este discurso ampliou seu alcance e sentidos, tornando-se uma das bases para a mobilização do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff. Também entendemos que este está inserido em uma conjuntura mais ampla, que remete às eleições presidenciais de 2002,

quando Luís Inácio Lula da Silva foi eleito presidente do Brasil. Além disso, esta formação também tem sua origem, de certa forma, nas manifestações populares de junho de 2013, marcadas por uma grande amplitude nos temas reivindicados, figurando entre eles o discurso de oposição ao governo Dilma (Silva & Silva, 2016). No âmbito de enunciações relacionadas a essa formação, destacamos enunciados que produzem sentido incentivando a abertura do processo de *impeachment* contra Dilma reproduzidos em faixas, bandeiras, cartazes, *outdoors*, entre outros, com textos tais como “Fora Dilma” e “*Impeachment Já*”.

Além disso, ainda que exista uma pluralidade característica de qualquer formação discursiva (Faria, 2015), identificamos que a formação #ForaDilma também se relaciona interdiscursivamente com o pensamento conservador à direita no espectro político, uma posição historicamente marcante no Brasil, sobretudo por sua hegemonia. Tal relação está presente em enunciados que representam Dilma e o governo do PT como “comunistas”, “de esquerda” e “política bolivariana comunista”. Além disso, segundo Silva e Silva (2016), as enunciações reproduzidas no contexto dessa formação possuem um interdiscurso com o contexto discursivo do processo de *impeachment* de Fernando Collor de Melo, em 1992, que entre outros sentidos produzidos, foi marcante a narrativa acerca do caráter democrático do acontecimento.

Com relação aos atores centrais envolvidos no #ForaDilma figuram atores institucionais tais como partidos políticos (em especial o PSDB e o Solidariedade), organizações de classe, meios de comunicação da grande mídia (como a Revista Veja) e movimentos sociais (como o MBL e o “Revoltados *Online*”). Conforme van Dijk (2017) a Rede Globo, especialmente, o Jornal O Globo com diferentes estratégias discursivas, foi ator importante para o *impeachment*. Da mesma forma, atores individuais se destacaram nesse processo tais como celebridades, líderes estudantis, políticos, intelectuais, entre outros. É possível afirmar que a maior parte destes atores assumem posições político-



partidárias mais orientadas à direita no espectro político, variando desde posições moderadas, conservadoras até posições de extrema direita.

Por sua vez, a segunda formação discursiva (**#NãoVaiTerGolpe**) refere-se ao discurso de oposição ao processo de *impeachment*, aqui resignificado como golpe, ainda que para muitos sujeitos essa posição não represente apoio incondicional ao governo Dilma Rousseff. Com relação aos enunciados característicos desta formação, destacamos sobretudo a referência ao processo de *impeachment* como um golpe ao governo Dilma e, por extensão, à democracia e ao país. Assim, nessa formação são produzidos textos com o intuito de deslegitimar as práticas de oposição ao governo. No entanto, como ressaltado, essa formação não está relacionada unitariamente a uma espécie de apoio ao governo e à agenda política de Dilma, mas sim uma resistência ao contexto e condições em que o processo foi instalado, como também é ressaltado por Silva e Silva (2016). Por seu caráter antagônico em relação à outra formação, observamos que o discurso #NãoVaiTerGolpe relaciona-se interdiscursivamente a enunciados que remetem à elementos do pensamento de esquerda no Brasil.

Por fim, os atores centrais desta formação discursiva tratam-se de atores institucionais, de partidos políticos (PT, PSOL, PCdoB, entre outros), organizações não-governamentais, grupos de comunicação da grande mídia (CartaCapital) e movimentos sociais (MST, CUT, UNE, etc.), sobretudo aqueles alinhados à esquerda no espectro político, ainda que essa orientação também seja classificada por diferentes níveis de engajamento. Por sua vez, atores individuais também representam centralidade nessa formação, tais como celebridades, líderes estudantis, intelectuais, entre outros.

No contexto das duas formações discursivas identificadas na subseção seguinte analisamos como são construídos diferentes sentidos para o enunciado corrupção.

## A corrupção entre o golpe e o *impeachment*

Primeiramente, apresentamos os enunciados e sentidos da corrupção na **formação discursiva #NãoVaiTerGolpe**. No que se refere a esta formação discursiva, identificamos sentidos tais como: a corrupção está presente em práticas cotidianas; a corrupção não é um fenômeno exclusivo do setor público; o governo de Dilma combate a corrupção; a corrupção não está só no PT e no governo Dilma; quem investiga as denúncias de corrupção também é corrupto, e, o golpe não é justificativa para o combate à corrupção. Destacamos alguns dos *tweets* que reproduzem estes sentidos no Quadro 2.

Sentido	Tweets
A corrupção está presente em práticas cotidianas	@jordaovincius Vejo muita gente com carteirinha de estudante falsa nas ruas protestando contra corrupção. #MenosOdioMaisDemocracia #MudaBrasil #FicaDilma [15/03/2015]
	@ednilsonjunior Estaciona em vaga de idoso/def, ã devolve o troco a + que recebe, sonega impostos, e faz manifestação contra a corrupção. #ficadilma [15/03/2016]
	@GabrielSSouza12 Ir a rua protestar contra a corrupção é fácil. Quero ver chegar em casa e desistir de roubar o wifi do vizinho. #MenosOdioMaisDemocracia [15/03/2016]
A corrupção não é um fenômeno exclusivo do setor público	@@parablico Povo "contra a corrupção", q tal começar pedindo o fim do financiamento empresarial de campanha einh? #MenosOdioMaisDemocracia [15/03/2015]
	@ptrenatosimoes Governo diz ser insustentável financiamento empresarial d campanhas, porta de entrada da corrupção #reformapolitica #MenosOdioMaisDemocracia [12/05/2016]
O governo Dilma combate a corrupção	@SRochaS #NaoVaiTerGolpe Com medo da continuidade do combate à corrupção, eles querem de volta os engavetadores da República [02/12/2015]
	@betodasolinda Quero o fim da Corrupção por isso digo #NaoVaiTerGolpe #FicaDilma [15/03/2015]
	@MMARCO1313 Quando Collor foi cassado ele havia envolvido com a corrupção, hoje Dilma combate a corrupção eo povo que afastá-la #MenosOdioMaisDemocracia [02/12/2015]
A corrupção não está só no PT e no governo Dilma	@nadiabrasileira Dizer que não vota no PT, por causa de corrupção e votando em um corrupto não é a mudança que o Brasil precisa...#DilmaNovamente #Dilma13 [26/12/2014];
	@taiseamargo Galera chata, acha q vai mudar o voto de alguém com os post anti-dilma. Pt não criou a corrupção, estudem história. #Dilma13 [26/12/2014];
	@Rafael_Gomes9 Corrupção no Brasil só existiu entre 1500 e 1994.Ái deu uma pausa de 1995 até 2002 e voltou de 2003 pra cá, confere? #MenosOdioMaisDemocracia [15/03/2015];
Quem investiga as denúncias de corrupção também	@todanine Querem <i>impeachment</i> pra pôr, no lugar de Dilma, Eduardo Cunha, q está na lista do Lava Jato. Não é contra corrupção #MenosOdioMaisDemocracia [15/03/2015]

é corrupto	@simsousa O resultado das urnas dado pelo POVO não pode ser jogo de pessoas investigadas e manchadas por corrupção. #NaoVaiTerGolpe [02/12/2015] @camilafreitas12 RIP Democracia. Dilma: A maior ação contra a corrupção da nossa história leva ao poder um grupo de corruptos investigados. #VaiTerLuta [31/08/2016]
O golpe não é justificativa para o combate à corrupção	@thiago_albss #FICADILMA Impeachment ã adianta nda..só favorece interesse de algs. Eu quero é reforma política e ã partidarizar corrupção. #GloboQuerGolpe [15/03/2015] @andretalora Contra a corrupção, sim. A favor de golpe, JAMAIS !!! #MenosOdioMaisDemocracia #RespeiteMeuVoto #SomosTodosDilminha [15/03/2015] @Sirleymorena Não foi pra combater a corrupção,que quiseram o <i>impeachment</i> ,foi pra torna-la um monopólio. E eles conseguiram. #LutoPelaDemocracia [12/05/2016]

**Quadro 2 – Enunciados e sentidos da corrupção na formação discursiva #NãoVaiTerGolpe**

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Quanto à construção do sentido da corrupção, percebemos que a mesma é muitas vezes representada como um fenômeno que extrapola a dimensão do desvio de recursos públicos ou o peculato, tidas como as principais formas de corrupção no setor público (Abramo, 2005). Desse modo, para sujeitos posicionados na formação #NãoVaiTerGolpe, o fenômeno assume sentidos relacionados a contravenções cotidianas tais como a utilização de carteira de estudante falsificada, a violação de direitos autorais ou a utilização indevida de propriedade pública ou privada – o argumento é que não se adianta combater a corrupção política e ainda praticar atos cotidianos que seriam ilegais. Além disso, assim como evidenciado por Paiva, Garcia & Alcântara (2017), os sujeitos inseridos em uma formação discursiva tal como a #NãoVaiTerGolpe por vezes questionam o sentido da corrupção como um fenômeno exclusivo do setor público (Quadro 2).

Para alguns usuários, o governo de Dilma Rousseff atua no combate à corrupção, sendo esta, inclusive, uma das causas de certos atores terem se articulado para fazer o golpe. Desse modo, esses sujeitos denunciam a seletividade – manipulação conforme van Dijk (2017) – na investigação dos escândalos de corrupção, alegando que há maior ênfase nos casos que envolvem atores do governo Dilma. Tal representação foi ainda mais recorrente após o afastamento de Dilma e a posse do presidente interino Michel Temer, cuja equipe de governo era constituída por pessoas citadas em denúncias de

corrupção, inclusive na Operação Lava-Jato. Esses enunciados evidenciam o forte caráter de disputa discursiva e antagonismo existente entre os sujeitos alinhados às formações discursivas, uma vez que há referência direta às práticas e posições “do outro” (Possenti, 2003). Além disso, esses textos também estão relacionados interdiscursivamente à resistência da generalização da corrupção (Avritzer & Filgueiras, 2011), considerando esta como uma prática performatizada por sujeitos envolvidos em diferentes grupos, não importando orientação partidária e ideológica. Para expor isso os atores utilizam de ironias: “*Corrupção no Brasil só existiu entre 1500 e 1994. Ai deu uma pausa de 1995 até 2002 e voltou de 2003 pra cá, confere?*” e “*A maior ação contra a corrupção da nossa história leva ao poder um grupo de corruptos investigados*”.

Alguns usuários do *Twitter* que se manifestam em favor de Dilma argumentam, ainda, que são a favor do fim da corrupção, mas defendem que o golpe não é a solução para tal. Sobretudo durante as manifestações de março de 2015, este discurso foi recorrente. Além disso, a partir dos *tweets* selecionados percebemos que usuários criticavam as acusações de corrupção como justificativa para o processo: “*Contra a corrupção, sim. A favor de golpe, JAMAIS!!!*”.

Agora, apresentamos os enunciados e sentidos da corrupção na **formação discursiva #ForaDilma**. Os sujeitos posicionados nessa formação também construíram sentidos quanto à corrupção de forma interdiscursiva com os outros discursos. Esses sujeitos reproduzem sentidos tais como: a corrupção está presente nas práticas cotidianas (um sentido presente na outra formação); a corrupção está relacionada à presença do Estado; a corrupção representa o Governo Dilma e o PT; Dilma e o PT não combatem a corrupção; a corrupção do governo Dilma é uma justificativa para o *impeachment*, e, a presença da corrupção é o verdadeiro golpe do PT. Destacamos alguns dos *tweets* que reproduzem estes sentidos (Quadro 3).

Sentido	Tweets
A corrupção está presente nas práticas cotidianas	@hansoficial Comece a combater a corrupção nos pequenos atos... Comprar sem nota fiscal por exemplo...#foradilma... [15/03/2015]
A corrupção está relacionada à presença do Estado	@PauLoTroVa Existe uma corrupção disfarçada de auxílio, em troca de dinheiro pessoas votam. Isso é uma vergonha! #ForaDilma [15/03/2015] @umadasfranca2 Espero que os manifestantes peçam pela redução do estado e dos impostos... pedir MAIS estado, é pedir MAIS corrupção #ForaPT #ForaDilma [15/03/2015]
A corrupção representa o Governo Dilma e o PT	@Clara_acipreste Como acabar com a corrupção? Tirando os PT do governo. #AcordaBrasil #Aecio45 [26/10/2014] @fabianobergamo Hoje é impossível separar PT, Governo e Corrupção!!! #ForaPT #ForaDilma [15/03/2015] @sayaor Contra a corrupção e política bolivariana comunista, voto SIM! #foraPT #foralula #FORADILMA #naovaitergolpe... <a href="http://fb.me/7QV0Z8wJP">http://fb.me/7QV0Z8wJP</a> [17/04/2016] @dianaalices2 Dilma Rousseff causou os piores casos de corrupção do país. Brasil quer <i>impeachment</i> de Dilma já #TchauQueridaDay #ForaDilma #ForaLula [12/05/2016]
Dilma e o PT não combatem à corrupção	@helderjacomo PresidANTA Dilma em seu pronunciamento diz que não compactua com barganhas, mas compactua com corrupção. #ForaPT #ForaDilma #Dilmais [02/12/2015] @LinoBorges9 Não é #MenosOdioMaisDemocracia é #menoscorrupção e Combate à corrupção é soltar Zé Dirceu, inocentar Genoíno... É isso? [15/03/2015]
A corrupção é uma justificativa para o <i>impeachment</i>	@AugustoCampos3 Permanência dos Pres. da República, Câmara e Senado fomenta mais corrupção, inflação e desemprego #foraDilma #foraCunha #foraRenan #foraLula [02/12/2015] @marksenk #ForaDilma Economia ã vai reagir enquanto a opinião internacional considerar o BR um reduto de corrupção, sem segurança para investimentos. [15/03/2016] @dianaalices2 A causa da crise econômica foi a corrupção do governo corrupto de Dilma e PT. Brasil quer <i>impeachment</i> de Dilma já #ForaDilma #ImpeachmentDay [11/05/2016]
A presença da corrupção é o verdadeiro golpe do governo Dilma	@luisdisousa O Brasil passa a ser um país afundado no crime e a população sofre um golpe com a corrupção de #Lula #LulaGolpista #ForaPT [16/03/2016] @vitoasicilia É um golpe no Estado Democrático de Direito! Foro privilegiado para acusado de CORRUPÇÃO! #LulaGolpista #LulaNaCadeia #ripBrasil #ripBrazil [16/03/2016] @bysummy Mente o ministro! O Brasil vive um GOLPE! Afinal, tem uma presidente eleita com o dinheiro da corrupção!! #ForaDilma [15/03/2015]

**Quadro 3 – Enunciados e sentidos da corrupção na formação discursiva #ForaDilma**

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como nos enunciados analisados na subseção anterior, os sujeitos inseridos nesta formação discursiva (re)produzem sentidos sobre a corrupção de forma interdiscursiva. Os usuários localizados nesta formação discursiva também reconhecem certas práticas cotidianas como corruptas, explorando inclusive componentes morais para justificar esse discurso. Percebemos que, ao contrário da formação discursiva anterior, usuários

que apoiam o #ForaDilma tendem a significar a corrupção como um fenômeno exclusivo do governo Dilma e do Partido dos Trabalhadores: como em "*Hoje é impossível separar PT, Governo e Corrupção !!!*" e "*Como acabar com a corrupção? Tirando os PT do governo*". Além disso, encontramos uma grande ocorrência de *tweets* que generalizam as práticas corruptas como inerentes ao Estado (Quadro 3).

Considerando ainda o sentido de que a corrupção é uma característica inerente ao governo Dilma, destacamos que alguns usuários procuram legitimar suas posições de forma interdiscursiva com o discurso produzido por veículos da mídia de massa. Nessa direção, um usuário em específico recorre a um conjunto de capas da Revista Veja, veículo de grande circulação nacional e historicamente afiliado à posição discursiva #ForaDilma e seus interdiscursos (Paiva, Garcia & Alcântara, 2017). No entanto, alguns usuários afiliados à formação discursiva #ForaDilma reconhecem que o fenômeno da corrupção é historicamente presente no Brasil, embora defendam que o governo Dilma e do Partido dos Trabalhadores tenha sido aquele com maior incidência de escândalos, ou seja, caracteriza-se como o mais corrupto.

Nessa formação, a presidenta Dilma e o PT são representados como os principais agentes da corrupção, logo não estão preocupados com o combate da mesma, conforme alguns usuários afirmam em seus *tweets*, utilizando muitas vezes de ironias. As frequentes denúncias e investigações de corrupção no Governo Dilma passam a ser, então, uma justificativa para o *impeachment* da presidente. Ressaltamos que nos enunciados destacados no Quadro 3, há um interdiscurso entre crise econômica e corrupção no país, como também em relação a moralização da política. Há, ainda, a crítica ao Governo do PT como de "esquerda", "comunista" e, portanto, naturalmente corrupto.

Sendo assim, considerando as justificativas para a realização do processo, segundo alguns usuários, o *impeachment* de Dilma Rousseff não se trata de um golpe, como

afirmam sujeitos alinhados à formação discursiva #NãoVaiTerGolpe. Como estratégia discursiva de confronto ao enunciado “golpe”, usuários favoráveis ao processo de *impeachment* definem que o verdadeiro golpe está relacionado à presença da corrupção no governo Dilma. Para essa formação é necessário que Dilma Rousseff (e Lula ou qualquer outro Governo do PT) sejam impedidos para que os esforços no combate à corrupção do Estado avancem – percebe-se a relação entre corrupção e presença do Estado em um interdiscurso com posições neoliberais e de “direita”.

## DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nessa parte apresentamos uma discussão mais ampla que é fundamentada na pesquisa empírica e que dialoga com uma ampla literatura.

### **1. A corrupção assume diferentes sentidos a depender da formação discursiva em que o enunciado é mobilizado.**

A partir da pluralidade de sentidos encontrados em enunciados produzidos por sujeitos afiliados às diferentes formações discursivas, corroboramos com as pesquisas acerca do caráter discursivamente construído da corrupção (Breit, 2011). Ou seja, não é possível dar conta de um conceito único e total sobre o fenômeno (Abramo, 2005; Filgueiras, 2009), ou conforme Pêcheux (1990), não existe um sentido universal para o enunciado. Dessa forma, ao buscar compreender os sentidos da corrupção, entendemos que a análise do discurso “[...] não aceita que, dada uma palavra, seu sentido seja ‘óbvio’, como se estabelecido por convenção ou como se a palavra pudesse referir-se diretamente à ‘coisa’” (Possenti, 2007, p. 360). Nessa direção,

[...] entre outras coisas, a gramática pode ser a mesma (de fato, é a mesma) para diversos enunciadores, mas o sentido do que eles dizem pode não sê-lo, porque esse decorre de fatores que não são da ordem da língua. A mesma

palavra ou o mesmo enunciado podem ter sentidos diferentes, se pertencerem a formações discursivas diferentes [...] (Possenti, 2007, p. 361).

Com isso, uma agenda que também se abre é a necessidade de estudar a corrupção como um fenômeno múltiplo que é perpassado por diferentes posições políticas e ideológicas – entendimento esse “esquecido” pelas pessoas que acreditam ser produtores de um enunciado apenas seu. No recorte em questão, evidenciamos que a corrupção assume certos sentidos tanto quando representada na formação discursiva #NãoVaiTerGolpe, quanto em #ForaDilma. Estes sentidos são, por sua vez, constituídos por interdiscursos e ideologias cuja compreensão nos auxiliam a entender a conjuntura política no Brasil. Paiva, Garcia e Alcântara (2017) consideram a construção da corrupção como o resultado de processos de produção de sentidos inseridos em um contexto de campos sociais e políticos com o papel marcante da mídia na construção de escândalos. Nossa pesquisa realizada no contexto da rede social se torna representativa dos conflitos envolvendo a questão da corrupção dado seu amplo alcance e presença cotidiana na vida dos indivíduos (Medina Salgado, 2015).

Destacamos que os sujeitos afiliados à formação discursiva #ForaDilma generalizam a corrupção como uma prática constitutiva da política dos governos do PT (Lula e Dilma). Para eles o processo de *impeachment* representa um mecanismo democrático de combate à corrupção. Por sua vez, os sujeitos afiliados à formação #NãoVaiTerGolpe produzem enunciados de resistência à essa generalização, procurando destacar práticas tidas como corruptas que seriam performatizadas por sujeitos afiliados ao #ForaDilma, constituindo uma estratégia de deslegitimação do processo, enunciado neste contexto como golpe. Contudo, conforme mostramos, as formações não são esferas homogêneas, pois,

[...] a formação discursiva é uma unidade dividida que embora seja passível de descrição por suas regras de formação, por suas regularidades, não é una, mas heterogênea, não de forma acidental, mas constitutiva. Assim, no interior de



uma mesma formação discursiva *coabitam vozes dissonantes que se cruzam, entrecruzam, dialogam, opõem-se, aproximam-se, divergem, existindo, pois, espaço para a divergência, para as diferenças [...]* (Faria, 2015, p. 60).

Desta forma, é importante destacar que as formações discursivas em foco não se referem a demarcações apenas de direita e esquerda de forma homogênea. Nas formações discursivas #ForaDilma e #NãoVaiTerGolpe existem também heterogeneidade como aquela da “esquerda” que se posiciona à “esquerda” do Governo, mas contra o processo de *impeachment*. Nisso, é interessante, por exemplo, dois discursos estudados por Sousa e Sousa (2016) “Em defesa da democracia e pelos direitos dos trabalhadores! Frente Brasil Popular” (Caruaru, 20/08/2015) e “Fica Dilma! Mas melhore, mulher...” (Natal, 20/08/2015), apresentados em cartazes, em atos contra o golpe, mas que indicam necessidade de mudanças no governo. Conforme lembra Nobre (2016, p. 35), após a reeleição, Dilma Rousseff “anunciou a adoção de um programa econômico que tinha combatido durante toda a campanha”.

O estudo mostra que a corrupção é também tomada por equivocidade. Na linha da proposta de Pêcheux em “O discurso: estrutura ou acontecimento”, “[...] é justamente pelo fato de esse enunciado estar sujeito à equivocidade que acaba por sobredeterminar o acontecimento, reconfigurá-lo” (Silva, 2009, p. 47). Nesse norte, encontramos que não houve *impeachment*, golpe ou corrupção enquanto fatos, mas acontecimentos cujos sentidos ainda serão construídos e reconstruídos. Parece certo que na luta pela legitimidade do acontecimento as memórias discursivas referentes a estas questões estarão por muito tempo em uma disputa discursiva.

## **2. A memória discursiva sobre corrupção no Brasil está relacionada à questão da moralidade política que se torna ideologicamente constituída nas formações discursivas.**

O enunciado da corrupção sempre esteve presente na agenda da mídia e nos discursos políticos, especialmente, daqueles que buscam uma moralização da política (Feres Júnior & Sassara, 2016). Esse sentido foi assim usado contra o Governo de Getúlio Vargas, no discurso de Jânio Quadros (com a vassoura), no Golpe de 1964 e em todas as eleições após a redemocratização. A questão da corrupção aparece também nas “Jornadas de Junho” e ganha espaço midiático também com a Operação Lava Jato (Paiva, Garcia & Alcântara, 2017).

A constituição da corrupção como um problema social e central tem longa história em nosso país. Usada reiteradamente desde os inícios da República, a denúncia de corrupção reaparece em momentos-chave: no segundo mandato de Getúlio Vargas, no golpe de Estado contra João Goulart, no início da democratização, desvelando práticas corruptas durante a ditadura militar e, desde a redemocratização, com as denúncias de corrupção de representantes na Presidência e no Congresso (Koerner & Schilling, 2015, p. 75).

Segundo Tatagiba, Teixeira e Trindade (2015, p. 201), “após a repressão dos protestos no dia 13 de junho, a corrupção se tornou um dos temas mais presentes nas ruas e nas redes sociais. [...], o Datafolha apurou que mais de 50% dos manifestantes das Jornadas de Junho estavam lá contra a corrupção e apenas 32% pela redução da tarifa”. Dessa forma, é importante considerar que: “[...] discurso é um processo contínuo que não se esgota em uma situação particular. Outras coisas foram ditas antes e outras serão ditas depois. O que temos são sempre ‘pedaços’, ‘trajetos’, estados do processo discursivo” (Orlandi, 2001, p. 14).

Em nosso recorte, o interdiscurso da corrupção e a moralidade da política, apesar de aparecer nas duas formações discursivas, houve maior destaque na formação contrária ao PT. Para os sujeitos afiliados ao #ForaDilma, a corrupção é sobretudo um fenômeno da esfera política estatal. Por estar na memória dos sujeitos, não é novidade que o escândalo do Mensalão seja parte da agenda da mídia, mesmo após o julgamento, e

que nas manifestações de junho de 2013, a corrupção estatal tenha sido um dos principais temas (Tatagiba, Teixeira & Trindade, 2015). Nesse sentido, a corrupção passou a ser considerada pelos brasileiros a partir das diversas posições ideológicas como um dos principais problemas do país (Koerner & Schilling, 2015; Feres Júnior & Sassara, 2016).

Observamos que os enunciados atribuídos ao fenômeno da corrupção por indivíduos que se posicionam na formação discursiva #NãoVaiTerGolpe tendem a utilizar como estratégia discursiva a avaliação moral (van Leeuwen, 2007). No *Twitter* os usuários indicam práticas e comportamentos que possivelmente sujeitos posicionados na formação discursiva #ForaDilma reproduziriam e que, por sua vez, também seriam práticas de corrupção – para eles: o golpe é uma prática de corrupção, não respeitar as urnas é corrupção e, ainda, um processo que é organizado por corruptos também é corrupção. Portanto, percebemos a resistência à estratégia de generalização da corrupção como um fenômeno exclusivo do Governo Dilma e do PT.

Adiante, alguns elementos dessa conjuntura precisam ser destacados para melhor compreensão dos sentidos construídos em torno da corrupção: disputas marcadas pelas posições político-partidárias da “esquerda” e da “direita”, a emergência de uma “nova direita”, uma “onda conservadora”, a “nova classe média”, a política de coalizões partidárias, entre outras questões.

Sobre as coalizões, Nobre (2016) coloca que o governo Dilma Rousseff se mostrou resistente ao modelo das megacoalizões. Ainda no campo político, Avritzer (2016) destaca elementos (discutidos no âmbito dos impasses da democracia) que podemos considerar relevantes nesse estudo como:

[...] os limites do presidencialismo de coalizão, isto é, a deslegitimação da forma de fazer alianças, característica da democracia brasileira desde 1994; os

limites da participação popular na política, que tem crescido desde 1990 e é bem-vista pela população, mas não logra modificar sua relação com a representação; os paradoxos do combate a corrupção, que avança e revela elementos dramáticos da privatização do setor público no país, os quais terminam por deslegitimar ainda mais o sistema político; as consequências da perda de status das camadas médias que passaram a estar mais próximas das camadas populares a partir do reordenamento social provocado pela queda da desigualdade; por fim, o novo papel do Poder Judiciário na política (Avritzer, 2016, p. 9).

Percebe-se que a questão da corrupção é citada pelo autor, ficando nítida também sua construção discursiva (via mídia, principalmente) e também a dificuldade de medida da corrupção. No que tange a classe média o autor coloca: “[...] os setores insatisfeitos de classe média são sensíveis a um discurso que articula gestão petista e as políticas de inclusão ao aumento da corrupção e à deslegitimação do sistema político” (Avritzer, 2016, p. 21). Este autor indica ainda que há problemas no “processamento seletivo da informação sobre corrupção (Avritzer, 2016, p. 95). O que fica evidente no trabalho de van Dijk (2017) ao analisar o processo de *impeachment* mostra que o jornal O Globo contribuiu com o processo a partir da seletividade de informações a favor do *impeachment*. Historicamente, segundo Feres Júnior e Sassara (2016) desde a primeira vez que Lula concorreu à presidência, a mídia sempre atuou de forma desfavorável a imagem do mesmo e do PT – os autores em especial citam Veja, Jornal Nacional, Folha de S. Paulo, O Globo e o Estado de S. Paulo. Por isso, para Souza (2016, p. 50):

Como o combate efetivo à corrupção é o último dos objetivos da nossa mídia-partido de elite, a estratégia é novelizar a política e reduzi-la ao embate mocinho versus bandido. O bandido é o PT e as classes populares, assim como o projeto de sociedade que eles representam. O mocinho é o aparato jurídico-policiaI elevado à condição de paladino da higiene moral da nação.

A cobertura pela mídia reforçou esse imaginário de luta contra a corrupção, principalmente, transformando casos específicos em grandes escândalos. Conforme Cobb e Taylor (2015), uma pesquisa realizada nos Estados Unidos indicou que o efeito da corrupção sobre a preferência política é baixa. Por outro lado, no caso do Brasil há indícios de que o fenômeno do antipetismo associado com a questão da corrupção influenciou parte dos eleitores brasileiros – algo que precisa ser testado empiricamente a partir dos resultados das eleições de 2018.

Para Tatagiba (2018), os protestos e o processo (golpe) foram construídos em decorrência de um forte antipetismo: um ódio ao PT. Para a autora, esse antipetismo se tornou uma forma de participação sócio-política que as direitas brasileiras mobilizaram durante todo o processo e após ele. O trabalho de Souza (2016) destaca também como foi construída uma narrativa de que no Brasil o Estado é corrupto e que as saídas disso caminham na direção do mercado. Ainda, temos que considerar como o PMDB figura como sempre pertencente a base aliada de forma a blindar o sistema político (Nobre, 2014). Nobre (2016) destaca nesse âmbito as diferenças do Governo Dilma, suas tentativas de reformas e de desvinculação do PMDB, diferente do “Lulismo” do período anterior, contribuiu para o processo de *impeachment*. Paralelo a esses acontecimentos, o PT esteve presente desde 2005 em grandes escândalos de corrupção conhecidos como Mensalão e Petrolão. Este construído midiaticamente como o maior escândalo de corrupção do país (Medeiros & Silveira, 2017).

Os trabalhos de Souza (2017) e Souza (2018) também oferecem importantes elementos. No primeiro trabalho, o autor busca retratar a elite partindo da escravidão até à Lava Jato – operação a qual o autor trava inúmeras críticas. A crítica principal do autor é a forma como a corrupção se tornou o principal problema brasileiro, o que para o autor foi operacionalizado pelas elites e por uma interpretação sociológica equivocada que oculta problemas históricos como a escravidão e a desigualdade socioeconômica. Na segunda obra, a crítica é sobre a classe média que foi fundamental

para o processo de impedimento da presidenta Dilma. Para o autor, a corrupção foi apenas pretexto para o Golpe de 2016. Esse debate encontra fundamento também e Tatagiba (2018, p. 115) que mostra que os protestos contra Dilma “[...] mobilizaram, principalmente, as classes médias e altas”.

**3. Desconsiderar as formações discursivas e como se constroem os sentidos em torno da corrupção tem como consequência naturalizar discursos, pois, tornam-se esquecidas suas condições materiais de existência, o contexto histórico-social de produção e as ideologias que materializam os sentidos.**

A compreensão dos sentidos que constituem o fenômeno da corrupção deve considerar, necessariamente, as formações discursivas e o contexto de formação destes discursos, reconhecendo elementos históricos, culturais, sociais e ideológicos (Avritzer & Filgueiras, 2011; Breit, 2011). A negligência desses aspectos, por sua vez, acaba por naturalizar e reificar discursos acerca da corrupção. Portanto, é preciso lembrar que “[...] a linguagem não é uma forma neutra de expressão, mas uma forma carregada de sentidos, de história, de ideologia, [...]” (Faria, 2015, p. 58).

Em nossa análise, percebemos como os indivíduos afiliados às formações discursivas #ForaDilma e #NãoVaiTerGolpe produzem sentidos sobre a corrupção a partir de interdiscursos que constituem estas formações. Como vimos, no caso da primeira formação, os sujeitos representam a corrupção como uma prática constitutiva dos governos do PT, sendo, portanto, uma justificativa para o processo de *impeachment*, que é visto como uma prática democrática e necessária para livrar o país da corrupção. Nessa direção, para esses sujeitos, tanto o *impeachment* não se configura como “golpe”, quanto é um mecanismo de moralização da corrupção partidária do PT. Entre aqueles usuários da rede afiliados à formação #NãoVaiTerGolpe, observamos como práticas de corrupção são frequentemente denunciadas como elementos “do outro”,

no caso, se referindo àqueles sujeitos favoráveis ao “golpe”. Esse tipo de estratégia discursiva também acaba por naturalizar o sentido de que o combate à corrupção. Assim, a visão da corrupção ser atrelada ao elemento cultural brasileiro criticada por autores como Avritzer (2016) e Souza (2016) é reproduzida pelas duas formações. E, isso tem consequências: a “[...] naturalização da prática da corrupção no Brasil promove um tipo de abordagem [que apresenta] problemas a seu efetivo controle democrático” (Avritzer & Filgueiras, 2011, p. 8).

Finalmente, pelo apresentado, desconsiderar os aspectos constitutivos das formações discursivas, ou seja, das posições de onde os indivíduos falam e produzem discursos (Pêcheux, 1990), pode levar a dificuldade de se avançar na discussão acerca da corrupção no Brasil.

#### **4. O estudo da corrupção a partir de perspectivas discursivas é um tema-problema que deve interessar estudiosos das relações entre organizações e sociedade.**

A primeira consequência disso é que os pesquisadores em organizações e gestão tem muito a ganhar caso se aprofundem nas implicações discursivas da corrupção nas organizações, sejam elas públicas, privadas ou não-governamentais. Dessa forma, pretendemos romper a visão de que somente a Administração Pública possui saber-poder para compreendê-la.

A perspectiva apresentada evita também a naturalização da corrupção a partir de visões sociológicas da cultura brasileira que, conforme Souza (2016) mostra, servem mais para manter relações de poder e dominação, do que para a mudança social. Esse discurso da “sociologia da inautenticidade” (Souza, 2016) revelou-se, inclusive, ideologicamente constitutivo das formações discursivas, sendo reproduzido interdiscursivamente tanto pelo #ForaDilma, quanto pelo #NãoVaiTerGolpe.

A visão discursiva também é relevante dado que as pesquisas quantitativas (de opinião pública sobre a corrupção) não conseguem compreender que a construção da corrupção é o resultado de processos de produção de sentidos inseridos em campos sociais, políticos e organizacionais (Breit, 2011). Nesse sentido, para Damgaard (2015) a construção social da corrupção é um fenômeno em disputa, ambíguo e multifacetado. Por isso, segundo Breit (2011) é preciso desenvolver maiores investigações quanto aos processos discursivos sobre a corrupção na mídia. Esses estudos podem contribuir para o maior entendimento de elementos ideológicos que participam da construção dos sentidos da corrupção e que tem consequências culturais, políticas, sociais e econômica.

Nesse sentido, este estudo buscou oferecer contribuições relevantes para os estudos sobre corrupção, e, revelam elementos de que o processo *impeachment*, ressignificado pela formação discursiva antagônica como “golpe”, foi marcado por elementos ideológicos que engendraram processos históricos de relações de classe, interesses políticos e financeiros, antagonismo ao governo do Partidos dos Trabalhadores e ampla influência da grande mídia nacional. Estes resultados, assim, como os debates teóricos mostram que o estudo da corrupção a partir de perspectivas discursivas é um tema-problema que deve interessar estudiosos das relações entre organizações e sociedade.

A interpretação do sujeito não parte do vazio, mas, sim, “[...] vem carregado de uma memória (uma filiação nas redes de sentidos – o interdiscurso) que, entretanto, aparece negada como se o sentido surgisse lá” (Orlandi, 2001, p. 28). Isso se exemplifica quando achamos que somos os primeiros a falar ‘o problema é a corrupção’, ‘é preciso moralizar a política’, ‘todo político é corrupto’, ‘o problema do Brasil é a corrupção’ e outros enunciados que foram usados em diferentes momentos históricos, construindo sentidos nas formações discursivas de que fazem parte.



## AGENDA DE PESQUISA E LIMITAÇÕES

O tema da corrupção é promissor para o campo dos estudos organizacionais (Medeiros & Silveira, 2018). Um dos objetos é o discurso nas mídias e nas redes sociais sobre a corrupção, escândalos políticos e os efeitos sociais, culturais, políticos e econômicos da corrupção. Outra agenda de pesquisa se direciona para a questão da corrupção organizacional (Ashforth, Gioia, Robinson, & Treviño, 2008). Nesse campo, ainda existe uma necessidade de desenvolvimento conceitual.

Exemplo do desenvolvimento de estudos sobre corrupção no âmbito dos estudos organizacionais foi a edição especial da *Journal of Management Inquiry* sobre o tema (*Corruption, Management and Organizations*). Foram publicados artigos mais focados em organizações (Journal of Management Inquiry, 2017) e esta nossa pesquisa utilizou as redes sociais como objeto para estudo dos discursos sobre corrupção. De toda forma, na edição foi publicado o texto de Castro e Ansari (2017) analisou a Operação Lava Jato como sendo um esforço de combate a corrupção no Brasil. Os autores utilizaram para tanto da teoria institucional para avaliar os efeitos (mudança) da Operação no que se refere a questão da corrupção. Resultado este controverso com as pesquisas de Souza (2016; 2017; 2018).

Outro elemento importante para ser investigado no campo dos estudos organizacionais são as questões de gênero que perpassaram o processo. Possenti (2018) lembra que diversos discursos traziam uma imagem negativa da mulher (Dilma). Para o autor, a “[...] a misoginia foi um dos ingredientes que favoreceram o golpe parlamentar-midiático ocorrido no Brasil em 2016” (Possenti, 2018, p. 583). Dessa forma, na linha dos estudos organizacionais voltado para questões de gênero o processo é um objeto de estudo relevante, especialmente, se estudado do ponto de vista discursivo.

Outra investigação é a forma como as redes sociais (Santos & Couto, 2018) contribuíram para as práticas organizativas de diferentes mobilizações e organizações – como práticas de organizar tiveram as redes sociais como mediadores (como no caso do Vem pra Rua, do Movimento Brasil Livre e dos Revoltados Online). Estudos podem focar na questão da resistência (Nascimento *et al.*, 2016) ao processo e de que forma foram organizados diferentes modos de resistir que continuam sendo articulados e rearticulados até o tempo atual. As formas como os movimentos do #ForaDilma e do #NãoVaiTerGolpe utilizaram de diferentes performances e repertórios de ação coletiva (Tatagiba, 2018) também se mostra como objeto relevante para os estudos organizacionais.

Considerando os resultados apresentados neste artigo, é importante ressaltar que nossa análise compreendeu apenas um recorte direcionado aos sentidos durante o processo de *impeachment*/golpe de Dilma Rousseff. Destacamos como limitação que essa análise está restrita ao *Twitter*. Salientamos, também, que nem sempre é tarefa fácil compreender as condições de produção (origem) de determinada *hashtag* ou *tweet* – sobretudo porque ele já pode ser interdiscurso da “grande mídia”, por exemplo. No entanto, o uso do Twitter se mostrou promissor. Recentemente, o Twitter ganhou mais cena com as eleições de 2018 em que o foi um instrumento de campanha e também de reprodução de *fake news*. O Twitter é atualmente uma relevante arena de debate político-partidária (Ausserhofer & Maireder, 2013). Por mais que possa ser elemento para publicizar temas importantes e gerar mobilizações (Ausserhofer & Maireder, 2013), o Twitter se tornou no Brasil um “aparelho” ideológico que precisa ser investigado por uma visão crítica das consequências de seu uso para a política.

No mais, consideramos teórico-metodologicamente o foco nas formações consideradas antagônicas #ForaDilma e #NãoVaiTerGolpe, mas admitimos a constituição de outras formações com diferentes posições políticas e sociais, inclusive com sentidos que podem ser outros sobre a corrupção – podem ser objeto de novas

pesquisas. Isso se faz importante, “[...] porque o discurso não pode ser pensado como um bloco fechado, mas sempre na relação com o interdiscurso” (Silva & Silva, 2016, p. 53). Dessa forma, reconhecemos que nosso *corpus* ainda apresenta diferentes aspectos de grande relevância e pertinência para investigações futuras, tais como os sentidos em torno da democracia, da política e do judiciário (re)produzidos neste processo.

## REFERÊNCIAS

Abramo, Cláudio W. (2005). Percepções pantanosas: a dificuldade de medir a corrupção. *Novos Estudos CEBRAP*, 73, 33-37.

Albuquerque, Newton M. & Meneses, Ecila M. (2017). O golpe no Brasil como construção da “democracia” da subcidadania. *Polis. Revista Latinoamericana*, 46, p. 1-16.

Ashforth, Blake E., Gioia, Dennis A., Robinson, Sandre L., & Treviño, Linda K. (2008). Re-viewing organizational corruption. *Academy of Management Review*, 33(3), 670-684.

Ausserhofer, Julian & Maireder, Axel (2013). National politics on twitter: structures & topics of a networked public sphere. *Information, Communication & Society*, 16(3), 291-314.

Avritzer, Leonardo & Filgueiras, Fernando (2011). Corrupção e controles democráticos no Brasil. *Texto para discussão*, 32, 1-40.

Azevedo, Fernando A. (2006). Mídia e democracia no Brasil: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. *Opinião Pública*, 12(1), 88-113.

Barberá, Pablo & Rivero, Gonzalo (2015). Understanding the political representativeness of twitter users. *Social Science Computer Review*, 33(6), 712-729.

Barros, Marcos (2014). Tools of legitimacy: the case of the Petrobras corporate blog. *Organization Studies*, 35(8), 1211-1230.

Breit, Eric (2011). Discursive contests of corruption: The case of the Norwegian alcohol monopoly. *Culture & Organization*, 17(1), 47-64,

Casal, Sonia S. (2015). CiberSociedad y debate público en 140 caracteres: #paro y #corrupción. *Athenea Digital*, 15(3), 47-84.

Castells, Manuel (2013). *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar.

Castro, Armando & Ansari, Shaz (2017). Contextual "readiness" for institutional work. A study of the fight against corruption in Brazil. *Journal of Management Inquiry*, 26(4), 351-365.

Cobb, Michael D. & Taylor, Aandrew J. (2015). An absence of malice: the limited utility of campaigning against party corruption. *American Politics Research*, 43(6), 923-951.

Courtine, Jean-J. (2016). Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. *Revista Policromias*, 1, 14-35.

Courtine, Jean-J. & Marandin, Jean-M. (1981). Quel objet pour l'analyse de discours? In B. Conein, Jean-J. Courtine, Françoise Gadet, Jean-M. Marandin, & Michel Pêcheux. (Orgs.). *Matérialités discursives* (pp. 21-33). Nanterre: Presses Universitaires de Lille.

Damgaard, Mads (2015). Corruption: multiple margins and mediatized transgression. *Ephemera: Theory & Politics in Organization*, 15(2): 411-434.

Dominguez, Michelle (2013). Do sistema à ação, do homogêneo ao heterogêneo: movimentos fundantes dos conceitos de dialogismo, polifonia e interdiscurso. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, 8(1), 5-20.

El País. (2015a, março 15). *Três grupos organizam os atos anti-Dilma, em meio a divergências*. Recuperado em 28 abril, 2017, de: <https://goo.gl/DPI8Hs>.

El País. (2015b, agosto 21). *Movimentos vão às ruas contra o impeachment e o ajuste fiscal*. Recuperado em 28 abril, 2017, de: <https://goo.gl/Q0SIO3>.

El País. (2016, março 14). *Maior manifestação da democracia brasileira joga Dilma contra as cordas*. Recuperado em 28 abril, 2017, de: <https://goo.gl/rPvHHZ>.

Faria, José H. (2015). Análise de discurso em estudos organizacionais: as concepções de Pêcheux e Bakhtin. *Teoria e Prática em Administração*, 5(2), 51-71.

Feres Júnior, João & Sassara, Luna O. (2016). O terceiro turno de Dilma Rousseff. *Saúde em debate*, 40(spe), 176-185.

Filgueiras, Fernando (2009). A tolerância à corrupção no Brasil: uma antinomia entre normas morais e prática social. *Opinião Pública*, 15(2), 386-421.

G1. (2015, dezembro 13). *Manifestações contra Dilma ocorrem em todos os estados do Brasil*. Recuperado em 28 abril, 2017, de <http://glo.bo/1Y75WI6>.

G1. (2016, abril 17). *Câmara aprova prosseguimento do processo de impeachment no Senado*. Recuperado em 28 abril, 2017, de: <http://glo.bo/1SU5CUL>.

Gadelha, Igor, Cardoso, Daiane, Sorg, Leticia, & Carvalho, Daniel (2015, dezembro 2). Eduardo Cunha aceita pedido de impeachment contra Dilma Rousseff. *O Estado de S. Paulo*. Recuperado em 28 abril, 2017, de: <https://goo.gl/3vc4hw>.

Hardy, Cynthia & Phillips, Nelson (1999). No joking matter: discursive struggle in the Canadian refugee system. *Organization Studies*, 20(1), 1-24.

Jackson, Lucy & Valentine, Gill (2014). Emotion & politics in a mediated public sphere: Questioning democracy, responsibility & ethics in a computer mediated world. *Geoforum*, 52, 193-202.

Journal of Management Inquiry. (2017). *Journal of Management Inquiry*. Recuperado em 28 abril, 2018, de <https://journals.sagepub.com/home/jmi>.

Koerner, Aandrei & Schilling, Flávia (2015). O direito regenerará a República? Notas sobre política e racionalidade jurídica na atual ofensiva conservadora. In: Sebastião V. Cruz, André Kaysel & Gustavo Codas (Org.), *Direita, volver! o retorno da direita e o ciclo político* (pp. 75-90). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Limongi, Fernando (2017). Impedindo Dilma. *Novos estudos CEBRAP*, n.spe, 5-13.

Liu, Zhe & Weber, Ingmar (2014). Is twitter a public sphere for online conflicts? A cross-ideological and cross-hierarchical look. In Lucia M. Aiello & Daniel McFarland (Eds.). *Social Informatics. SocInfo 2014. Lecture Notes in Computer Science, v. 8851* (pp. 336-347). Barcelona: Springer.

Mangueneau, Dominique (2007). *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar.

Maireder, Axel & Schlögl, Stephan (2014). 24 hours of an #outcry: the networked publics of a socio-political debate. *European Journal of Communication, 29*(6), 687-702.

Mazzola, Renan B., & Gregolin, Maria R. V. (2013). A análise do discurso diante de estranhos espelhos: visualidade e (inter)discursividade na pintura. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso, 8*(2), 157-176.

Medeiros, Cintia R. O. & Silveira, Rafael A. (2017). A Petrobrás nas teias da corrupção: mecanismos discursivos da mídia brasileira na cobertura da Operação Lava Jato. *Revista de Contabilidade e Organizações, 11*(31), 11-20.

Medina Salgado, César (2015). The computer objects looking for their social and organizational implications. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, 2*(4), 533-590.

Melo, Marcos A. (2016). Latin America's new turbulence: crisis and integrity in Brazil. *Journal of Democracy, 27*(2), 50-65.

Mussalim, Fernanda (2001). Análise do Discurso. In Fernanda Mussalim & Anna C. Bentes (Org.), *Introdução à lingüística: domínios e fronteiras* (Vol. 2, pp. 102-142). São Paulo: Cortez.

Nascimento, Marco C. R., Teixeira, Juliana C., Oliveira, Josiane S., & Saraiva, Luiz A. S. (2016). Práticas de segregação e resistência nas organizações: uma análise discursiva sobre os "rolezinhos" na cidade de Belo Horizonte (MG). *Revista de Administração Mackenzie*, 17(1), 55-81.

Nobre, Marcos (2016). 1988 + 30. *Novos Estudos CEBRAP*, 35(2), 135-149.

Orlandi, Eni P. (1996). *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso* (4a ed). Campinas: Pontes.

Orlandi, Eni P. (2001). *Análise de discurso: princípios e procedimentos* (3a ed). Campinas: Pontes.

Paiva, André L., Garcia, André S., & Alcântara, Valderí C. (2017). Disputas discursivas sobre corrupção no Brasil: uma análise discursivo-crítica no Twitter. *Revista de Administração Contemporânea*, 21(5), 627-647.

Pêcheux, Michel (2009). *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio* (4a ed.). Campinas: Pontes.

Pêcheux, Michel & Fuchs, Catherine (1997). A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: F. Gadet & T. Hak, (orgs.), *Por uma análise automática do discurso* (3. ed., pp. 163-252). Campinas: Unicamp.

Peci, Alketa (2014). Réplica 3 – Clássicos... Quais clássicos? Antinomias e tensões no fazer ciência em administração. *Revista de Administração Contemporânea*, 18(5), 726-735.



Pontes, José W. R., Neder, Marco A. V., & Guimarães, Antônio C. M. (2007). Memória coletiva e metamorfoses da sede da Câmara Municipal de São José dos Campos/SP. *Anais do Encontro Latino Americano de Pós-Graduação da Univap*, São José dos Campos, SP, Brasil, 7.

Possenti, Sírio (2003). Observações sobre interdiscurso. *Revista letras*, 61, 253-269.

Possenti, Sírio (2007). Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: F. Mussalim & A. C. Bentes (Org.), *Introdução à lingüística* (3a ed) (pp. 353-392). São Paulo: Cortez.

Possenti, Sírio (2016). Diferenças condensadas em palavras. *Revista de Estudos da Linguagem*, 24(3), 1075-1099.

Possenti, Sírio (2018). A misoginia como condicionante do golpe de 2016 no Brasil. *Discurso & Sociedad*, 12(3), 581-593.

Ribeiro, Mário M., Chalon, André, Almeida, Luiz H. & Orlellado, Pablo (2016). Perfil digital dos manifestantes de 13 e 18 de março. Recuperado em 22 abril, 2017, de <https://goo.gl/mVMYeq>.

Rodeghiero, Carolina & Schinestsck, Leticia (2016, abril 19). Golpe x Impeachment. *Midiars*. Recuperado em 28 abril, 2017, de [http://midiars1.rssing.com/channel/63861495/all\\_p1.html](http://midiars1.rssing.com/channel/63861495/all_p1.html).

Rosell-Aguilar, Fernando (2018). Twitter as a formal and informal language learning tool: from potential to evidence. In Fernando Rosell-Aguilar, Tita Beaven, & Mara Fuertes-Guiterrez (Eds.). *Innovative language teaching and learning at university: integrating informal learning into formal language education* (pp. 99-106). Voillans: Research-publishing.net.

Santos, Bruna B. L. & Couto, Edvaldo S. (2018). "Não vai ter golpe" e "vem pra rua Brasil": o Facebook como dispositivo de mediação e organização de movimentos sociais. *Informação & Informação*, 23(3), 438-461.

Silva, Edvânia G., & Silva, Alessandra S. (2016). Polêmica discursiva nas manifestações anti e pró governo Dilma Rousseff. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 58(1), 45-62.

Silva, Renata (2009). Espacialidade em Bakhtin e Pêcheux: semelhanças e dessemelhanças. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 9(1), 41-55.

Souza, Jessé (2018). *A classe média no espelho: Sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade*. São Paulo: Sextante.

Souza, Jessé (2017). *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro: Leya.

Souza, Jessé (2016). *A radiografia do golpe: entenda como e por que você foi enganado*. Rio de Janeiro: Leya.

Tatagiba, Luciana (2018). Entre as ruas e as instituições: os protestos e o impeachment de Dilma Rousseff. *Lusotopie*, 17(1), 112-135.

Tatagiba, Luciana, Teixeira, Ana C. C., & Trindade, Thiago A. (2015). Protestos à direita no Brasil (2007- 2015). In Sebastião V. Cruz, André Kaysel & Gustavo Cudas (Orgs.). *Direita, volver! o retorno da direita e o ciclo político* (pp. 197-212). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Uol. (2016, maio 12). *Após mais de 20 horas, Senado aprova processo de impeachment e afasta Dilma*. Recuperado em 28 abril, 2017, de <https://goo.gl/aBcenK>.

Uribe, G., Limade D., & Lima G. (2014, novembro 1). Manifestação contra Dilma reúne 2.500 pessoas em São Paulo. *Folha de São Paulo*. Recuperado em 28 abril, 2017, de <http://folha.com/no1542047>.

van Dijk, T. A. (2017). How Globo media manipulated the impeachment of Brazilian president Dilma Rousseff. *Discourse & Communication*, 11(2), 199-229.

van Leeuwen, Theo (2007). Legitimation in discourse and communication. *Discourse & Communication*, 1(1), 91-112.

## SENTIDOS DA CORRUPÇÃO ENTRE #ForaDilma E #NãoVaiTerGolpe: FORMAÇÕES DISCURSIVAS E INTERDISCURSIVIDADE EM UM RECORTE NO TWITTER

### Resumo

Objetivamos neste artigo compreender quais formações discursivas foram historicamente e ideologicamente constituídas acerca do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff e como os sentidos da corrupção foram mobilizados interdiscursivamente nessas formações. Em termos teórico-metodológicos adotamos a análise do discurso francesa, a partir dos conceitos de enunciado, formação discursiva e interdiscurso. Para tanto, foram utilizados como *corpus* de análise enunciados coletados na rede social *Twitter*. Evidenciamos o caráter discursivo e a construção de sentidos da corrupção a partir de duas formações discursivas em disputa: #ForaDilma e #NãoVaiTerGolpe. Nas formações, o enunciado corrupção foi um elemento interdiscursivo que produziu sentidos diferentes a depender da afiliação ideológica e histórica. Concluímos mostrando a importância de considerar nas pesquisas sobre corrupção, as formações discursivas, a memória discursiva, os elementos ideológicos e como se constroem os sentidos em torno da corrupção, reconhecendo suas consequências culturais, sociais, políticas e econômicas. O artigo demonstra também a relevância do uso das redes sociais como objeto de pesquisa no campo dos estudos organizacionais.

### Palavras-chave

Formação Discursiva. Interdiscurso. Corrupção. Estudos Organizacionais.

## **SENTIDOS DE LA CORRUPCIÓN ENTRE #ForaDilma Y #NoVaiTerGolpe: FORMACIONES DISCURSIVAS E INTERDISCURSIVIDAD EN UN RECORTE EN TWITTER**

### **Resumen**

Objetivamos en este artículo comprender qué formaciones discursivas fueron históricamente e ideológicamente constituidas acerca del proceso de impeachment de Rousseff y cómo los sentidos de la corrupción fueron movilizados interdiscursivamente en esas formaciones. En términos teórico-metodológicos adoptamos el análisis del discurso francés, a partir de los conceptos de enunciado, formación discursiva e interdiscurso. Para ello, fueron utilizados como corpus de análisis enunciados recogidos en la red social Twitter. Evidenciamos el carácter discursivo y la construcción de sentidos de la corrupción a partir de dos formaciones discursivas en disputa: #ForaDilma y # NoVaiTerGolpe. En las formaciones, el enunciado corrupción fue un elemento interdiscursivo que produjo sentidos diferentes a depender de la afiliación ideológica e histórica. Concluimos mostrando la importancia de considerar en las investigaciones sobre corrupción, las formaciones discursivas, la memoria discursiva, los elementos ideológicos y cómo se construyen los sentidos en torno a la corrupción, reconociendo sus consecuencias culturales, sociales, políticas y económicas. El artículo demuestra también la relevancia del uso de las redes sociales como objeto de investigación en el campo de los estudios organizacionales.

### **Palabras clave**

Formación Discursiva. Interdiscurso. Corrupción. Estudios Organizacionales.

## MEANINGS OF CORRUPTION BETWEEN #ForaDilma AND #NãoVaiTerGolpe: DISCURSIVE FORMATIONS AND INTERDISCURSIVITY ON TWITTER

### Abstract

In this article we intend to understand which discursive formations were historically and ideologically constituted about Dilma Rousseff 's impeachment process and how the meanings of corruption were interdiscursively mobilized in these formations. In theoretical-methodological terms we adopt the French discourse analysis, from the concepts of enunciation, discursive formation and interdiscourse. For that, we used as corpus of analysis statements collected on the social network Twitter. We show the discursive character and the construction of meanings of corruption from two discursive formations in dispute: #ForaDilma and # NãoVaiTerGolpe. In formations, the term corruption was an interdiscursive element that produced different meanings depending on ideological and historical affiliation. We conclude by showing the importance of considering discursive formations, discursive memory, ideological elements, and how to construct the meanings of corruption in recognizing its cultural, social, political and economic consequences. The article also shows the relevance of the use of social networks as an object of research in the field of organizational studies.

### Keywords

Discursive Formation. Interdiscourse. Corruption. Organizational Studies.

## **CONTRIBUIÇÃO**

### **Valderí de Castro Alcântara**

O autor declara que contribuiu com a construção da proposta do artigo, redação do artigo, discussão dos dados e revisão.

### **André Luiz de Paiva**

O autor declara que contribuiu com a construção da proposta do artigo, coleta dos dados, descrição dos resultados, redação do artigo e revisão.

### **José Willer do Prado**

O autor declara que contribuiu com discussão do artigo, formatação e revisão do texto.

### **Marco Antonio Villarta-Neder**

O autor declara que contribuiu com a construção da proposta do artigo, colaboração na delimitação teórica e metodológica.

## **AGRADECIMENTOS**

-

## **DECLARAÇÃO DE INEDITISMO**

Os autores declaram que a contribuição é inédita.

## **CONFLITO DE INTERESSES**

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

## COMO CITAR ESTA CONTRIBUIÇÃO

Alcântara, Valderí C., Paiva, André L., Prado, José W., & Villarta-Neder, Marco A. (2020). Sentidos da corrupção entre #ForaDilma e #NãoVaiTerGolpe: formações discursivas e interdiscursividade em um recorte no twitter. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 7(18), 317-372.